



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO

VALDENIR CASTRO BEZERRA

**SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: ANÁLISE DO SILENCIAMENTO
CURRICULAR EM TESES E DISSERTAÇÕES**

PALMAS, TO

2025

Valdenir Castro Bezerra

Sexualidade na educação infantil: análise do silenciamento curricular em teses e dissertações

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação/PPPGE como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Educação. Linha de Pesquisa: currículos específicos de etapas e modalidades de educação.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo José Cezari.

.

.

Palmas, TO

2025

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins**

- B574s Bezerra, Valdenir Castro.
Sexualidade na educação infantil: análise do silenciamento curricular em teses e dissertações. / Valdenir Castro Bezerra. – Palmas, TO, 2025.
97 f.
Dissertação (Mestrado Profissional) - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Palmas - Curso de Pós-Graduação (Mestrado) Profissional em Educação, 2025.
Orientador: Eduardo José Cezari
1. Sexualidade. 2. Educação infantil. 3. Currículo. 4. Formação de professores. I. Título

CDD 370

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

VALDENIR CASTRO BEZERRA

SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: ANÁLISE DO SILENCIAMENTO
CURRICULAR EM TESES E DISSERTAÇÕES

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação/PPPGE, avaliada para obtenção do título de Mestre em Educação e aprovada em sua forma final pelo Orientador e pela Banca examinadora.

Data da Aprovação: 27 / 05 / 2025

Banca examinadora:

Prof. Dr. Eduardo José Cezari – Orientador – UFT.

Prof. Dr. Josue José de Carvalho Filho - Examinador – UNIR.

Prof^a. Dr^a. Denise de Barros Capuzzo - Examinadora – UFT.

Aos meus filhos Vitor, Bianca e Dayane, que compreenderam e me apoiaram nos meus momentos de estudo. Aos que colherão os frutos deste trabalho no desenvolvimento de suas personalidades.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por me dar força e sabedoria para cursar o Mestrado e por me sustentar em todos os momentos. Apesar das dificuldades cheguei até aqui.

Ao meu orientador, professor Dr. Eduardo Cezari, pelo compromisso assumido, pelo conhecimento gentilmente partilhado, pelo incentivo, pelo profissionalismo e paciência. Por respeitar meu tempo e minhas limitações e por mostrar que só eu mesma poderia traçar e trilhar o meu caminho. Acima de tudo por ter acreditado em mim, talvez até mesmo antes que eu mesma pudesse acreditar.

A todos os professores do Programa de Pós-Graduação em Educação/PPGE, em especial as professoras Doutoras Rosilene Lagares e Denise Capuzzo, pela reflexão que suas falas possibilitaram.

Agradeço também pelas disciplinas ofertadas pelo Programa, que muito auxiliaram no meu crescimento acadêmico e profissional. Palavras não conseguem expressar minha gratidão e meu carinho.

Aos meus filhos Vitor, Bianca e Dayane, que irradiam alegria em minha vida e que sempre me proporcionam momentos de leveza ao me oferecerem um sorriso.

À minha família, pelo carinho, apoio, compreensão nos períodos de ausência e de impaciência.

Aos(as) amigos(as) da Secretaria Municipal de Educação – SEMED - de Miracema do Tocantins, em especial a Lena, Tatiane, Luziene e Madalena, pelo apoio e incentivo em diferentes momentos desta jornada.

Aos(as) amigos(as) que o mestrado me proporcionou: Alexandre, Ítalo Bruno, Geraldo, Vanda Elizete, Seila, Rita de Cassea e Valdisley. Grata pelos conhecimentos e inquietações compartilhadas, pelos momentos de amizade e companheirismo nessa jornada.

Agradeço, por fim, a todos aqueles que direta ou indiretamente me ajudaram, seja com uma palavra ou até mesmo com o silêncio.

A todos, meu muito obrigada!

A sexualidade está na escola porque ela faz parte dos sujeitos, ela não é algo que possa ser desligado ou do qual alguém possa se “despir”.

(Guacira Lopes Louro, 1997, p. 81)

RESUMO

A sexualidade na Educação Infantil é um componente fundamental do desenvolvimento humano integral, presente desde o nascimento. Contudo, percebe-se uma lacuna significativa na sua abordagem, tanto na pesquisa acadêmica quanto na prática pedagógica, frequentemente marcada por tabus e concepções limitadas. Este trabalho buscou investigar essa complexidade, analisando criticamente a produção *stricto sensu* (teses e dissertações) sobre o tema, disponível na Plataforma Brasileira de Dissertações e Teses (BDTD), no período entre 2008 e 2018. O objetivo foi mapear e categorizar as produções, além de analisar sua relação com os marcos legais, como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNs). Argumenta-se que a formação de professores é crucial para uma abordagem clara e objetiva da sexualidade na infância, desconstruindo preconceitos e superando visões higienistas ou medicalizadas que ainda prevalecem. Fundamentada em teóricos como Foucault, Louro, Vygotsky e Silva, esta pesquisa compreende a sexualidade como uma construção histórica, social e cultural, indo além da genitalidade. A metodologia adotada é de natureza qualitativa, configurada como pesquisa bibliográfica do tipo "estado da arte", com análise de conteúdo. Como produto educacional, apresentamos o "Guia Prático: Abordando a Sexualidade na Educação Infantil de Forma Inclusiva", visando oferecer subsídios teóricos e práticos para que educadores e famílias promovam diálogos construtivos e seguros sobre o tema, capacitando-os a criar ambientes que favoreçam o desenvolvimento integral e respeitoso das crianças.

Palavras-chave: Sexualidade. Educação Infantil. Currículo. Formação de Professores. Marcos Legais.

ABSTRACT

Sexuality in Early Childhood Education is a fundamental component of integral human development, present from birth. However, there's a significant gap in its approach, both in academic research and pedagogical practice, often marked by taboos and limited conceptions. This work seeks to investigate this complexity by critically analyzing *stricto sensu* production (theses and dissertations) on the topic, available on the Brazilian Platform of Theses and Dissertations (BDTD) between 2008 and 2018. The objective is to map and categorize these productions, as well as to analyze their relationship with legal frameworks, such as the Base Nacional Comum Curricular (BNCC) and the Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNs). It's argued that teacher training is crucial for a clear and objective approach to childhood sexuality, deconstructing prejudices and overcoming prevalent hygienist or medicalized views. Grounded in theorists such as Foucault, Louro, Vygotsky, and Silva, this research understands sexuality as a historical, social, and cultural construct, moving beyond mere genitality. The adopted methodology is qualitative, configured as a "state of the art" bibliographic research, with content analysis. As an educational product, a "Practical Guide: Addressing Sexuality in Early Childhood Education Inclusively" will be presented, aiming to offer theoretical and practical subsidies for educators and families to promote constructive and safe dialogues on the topic, enabling them to create environments that foster children's integral and respectful development.

Keywords: Sexuality. Early Childhood Education. Curriculum. Teacher Training; Legal Frameworks.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Visualização da Biblioteca BDTD.....	27
Quadro 1-Filtros de busca utilizados para consulta na BDTD	29
Quadro 2-Número de teses e dissertações sobre sexualidade infantil.....	30
Gráfico 1-Número de publicações de dissertações	42
Gráfico 2-Número de publicações de teses.....	43

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANPED	Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CF	Constituição Federal de 1988
CMEI	Centro Municipal de Educação Infantil
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CONAE	Conferência Nacional de Educação
DCNEI	Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
IEIS	Instituições de Ensino Infantil
MEC	Ministério da Educação
OMS	Organização Mundial da Saúde
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PNE	Plano Nacional de Educação
PQNEI	Parâmetros de Qualidade Nacional da Educação Infantil
PUC-GO	Pontifícia Universidade Católica de Goiás
PUC-SP	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
RCNEI	Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil
SEMED	Secretaria Municipal de Educação
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFES	Universidade Federal do Espírito Santo
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFMT	Universidade Federal de Mato Grosso
UFPA	Universidade Federal do Pará
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFRN	Universidade Federal do Rio Grande do Norte
UFT	Universidade Federal do Tocantins
UFS	Universidade Federal de Sergipe
UNESC	Universidade do Extremo Sul Catarinense

UNESP	Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
UNICAP	Universidade Católica de Pernambuco
UNIFESP	Universidade Federal de São Paulo
UNIOESTE	Universidade Estadual do Oeste do Paraná
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO.....	13
CAPÍTULO I.....	18
2 PERSPECTIVA DAS PRODUÇÕES CIENTÍFICAS SOBRE SEXUALIDADE INFANTIL.....	18
2.1 Introdução.....	19
2.2 Sobre sexualidade Infantil: da repressão à (re) significação.....	20
2.2.1 O desenvolvimento da sexualidade infantil: uma abordagem psicanalítica e suas implicações pedagógicas.....	22
2.2.2 Categorização da Sexualidade Infantil.....	24
3 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....	26
4 METODOLOGIA DA PESQUISA.....	27
4.1 Critérios de Seleção Metodológica.....	28
4.1.1 Delimitação Temporal.....	28
4.1.2 Etapas do Processo de Coleta e Análise de Dados.....	28
4.1.3 Tabulação e Organização dos Dados.....	30
4.1.4 Análise de Conteúdo/Temática.....	35
5 ANÁLISE CRÍTICA DOS MARCOS LEGAIS NA ABORDAGEM DA SEXUALIDADE INFANTIL.....	37
5.1 Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e a Sexualidade Infantil.....	37
5.1.1 Contradições, Lacunas e Ambiguidades na BNCC.....	38
5.1.2 Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil e a Sexualidade Infantil.....	39
5.1.3 Contradições, Lacunas e Ambiguidades nas DCNs.....	39
5.1.4 Tensões entre Legislação e Prática Pedagógica.....	40
6 ANÁLISE QUALITATIVA DOS DADOS.....	41
6.1 Procedimentos da Análise de Conteúdo.....	41
6.1.1 Tratamento dos Resultados, Inferência e Interpretação.....	41
6.1.2 Apresentação dos Resultados e Articulação com as Categorias e Objetivos..	42
6.1.3 Apresentação dos Resultados e Articulação com as Categorias e Objetivos	43
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
REFERÊNCIAS.....	47

CAPÍTULO II.....	50
8 SEXUALIDADE INFANTIL: REFLEXÕES TEÓRICAS E SUAS CONEXÕES COM OS ACHADOS DA PESQUISA.....	50
8.1 Introdução.....	51
8.2 Aprofundamento Teórico: diálogos e Conceituações sobre Sexualidade Infantil.....	52
8.2.1 A Sexualidade como Construção Histórica e Social.....	54
8.2.2 O Corpo Educado e as Pedagogias da Sexualidade.....	55
8.2.3 Desenvolvimento Sociocultural da Sexualidade na Perspectiva Vygotskiana.	56
8.2.4 A Sexualidade na Infância como Processo Contínuo.....	54
8.3 Articulação entre Referenciais Teóricos e os Achados da Pesquisa.....	58
8.3.1 O Silenciamento da Sexualidade Infantil e o Dispositivo Foucaultiano.....	58
8.3.2 Pedagogias da Sexualidade e a Abordagem Higienista.....	59
8.3.3 A Lacuna do Desenvolvimento Integral: Reflexões a partir de Silva e UNESCO.....	60
8.3.4 Distanciamento da Perspectiva Construtivista e Cultural.....	60
8.3.5 Implicações para a Formação de Professores e a Prática Pedagógica.....	61
8.3.6 Desafios e Perspectivas Futuras para a Pesquisa em Sexualidade Infantil....	62
9 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	65
REFERÊNCIAS.....	67
APÊNDICE.....	71

1 APRESENTAÇÃO

Escrever uma dissertação de mestrado não é uma tarefa fácil, por isso acredito que algo deve nos mover diante da temática escolhida para a pesquisa. Neste sentido, início falando sobre o interesse em pesquisar sobre sexualidade na Educação Infantil, e que optei pelo referido tema devido ele estar constantemente presente em meu dia a dia em sala de aula. Desse modo, pretendo que o exercício da curiosidade possa me mover a pensamentos que coloquem sob reflexão os modos de pensar acerca do meu cotidiano, proporcionando novas formas e possibilidades de ver o mundo.

Ao longo dos anos em que tenho trabalhado na Educação Infantil, já me deparei com diversas situações em que não sabia abordar as crianças, e percebi que os demais profissionais da instituição de ensino tinham as mesmas dificuldades. Tais dificuldades se tornaram reflexões diárias que me obrigavam a entender e conhecer melhor os pontos que rodeiam a Educação Infantil.

Desse modo, a intenção aqui foi produzir um trabalho que estivesse focado especificamente no que é próprio do processo educativo. Assim, me centrei no que talvez fosse uma das peculiaridades e oportunidades trazidas pelo projeto Sexualidade na Educação Infantil: um silenciamento nos currículos citados nas produções científicas da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDTD.

Para mostrar a relação entre o tema escolhido e as trajetórias pessoais e profissionais, recorro às minhas memórias, que me propiciam um ‘reencontro’ com o sentimento de pertencimento e mobilização. De acordo com Luciane Grazziotin (2008, p. 22),

Cada ser humano é quem é um indivíduo diferente de qualquer congênere graças, justamente, à memória; a coleção pessoal de lembranças de cada indivíduo é distinta das demais, é única. Todos recordamos nossos pais. Todos nós recordamos de forma vaga, mas prazerosamente, a casa onde passamos nossa primeira infância. Todos recordamos nossa rua, mas a rua de cada um foi outra. Eu sou quem sou, cada um é quem é, porque todos lembramo-nos de coisas que nos são próprias. As nossas memórias fazem com que cada ser humano seja um ser único, um indivíduo. (GRAZZIOTIN, 2008, p. 22).

Complementei também tal concepção com a de Maurice Tardif (2014), que compreende a constituição da docência como uma profissão que envolve várias aprendizagens. Em especial, cabe ressaltar o que o autor denomina como “saberes

temporais” - adquiridos ao longo do tempo, fruto de experiências e da vida escolar, e “saberes personalizados” - relacionados com as histórias de vida, marcas dos contextos nos quais o sujeito se insere. Tais saberes possuem uma estreita relação com as memórias de cada sujeito.

Nesse entrelaçamento de conceitos, percebendo-me enquanto ser único e relembro meus gostos, desejos, hábitos, curiosidades, questionamentos e indignações, consigo traçar uma breve e tímida linha do tempo, a partir da qual consigo refletir sobre a minha docência, o que repercute significativamente na constituição da minha identidade.

Assim, ao me debruçar sobre os estudos e as pesquisas, consigo compreender que todos estes discursos são construídos social, cultural e historicamente. Portanto, busco apoio em Louro (2011, p. 93), quando afirma: “O que fica evidente, sem dúvida, é que a escola é atravessada pelos gêneros; é impossível pensar sobre a instituição sem que se lance mão das reflexões sobre as construções sociais e culturais de masculino e feminino”.

Ao exercer meu trabalho com as crianças, senti a necessidade de me aperfeiçoar e ampliar meus conhecimentos, até mesmo de problematizar as experiências que tinha nesse espaço chamado escola. E nessa busca, decidi cursar Pedagogia. O ingresso no curso ampliou significativamente meus aprendizados e despertou o desejo pelo conhecimento, especialmente no que diz respeito à sexualidade na Educação Infantil.

Entretanto, senti a necessidade de investir mais ainda na minha própria formação e através dessa perspectiva, ingressei no Curso de Extensão "Diálogos sobre Gênero, Sexualidade e Relações Étnico-Raciais", ofertado pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). Assim, pude perceber muitos dos aspectos que envolvem questões relacionadas à sexualidade, podendo compartilhar as práticas construídas. Além disso, impulsionada pelas questões de gênero e sexualidade que tem me inquietado, enquanto professora de Educação Infantil, tinha em mente que problematizaria alguma temática que se originasse dessa vertente.

A partir das polêmicas ocorridas no ano de 2015, acerca da proibição e inserção dos termos gênero e sexualidade no Plano Nacional de Educação (PNE) e nos Planos Municipais de Educação (PME), e dos constantes discursos populares e midiáticos que retratam a vida de crianças que manifestam a transexualidade, resolvi

potencializar uma discussão que ampliasse tais questões, com o intuito de qualificar o trabalho na Educação Infantil.

Dessa forma, a partir das aulas ministradas pela professora Cristina, no Curso de Extensão "Diálogos sobre Gênero, Sexualidade e Relações Étnico-Raciais", tive a certeza de que havia uma carência de estudos na área, o que motivou ainda mais meu interesse sobre a referida temática. Após participar do curso de extensão, tive o privilégio de cursar, como aluna especial do Mestrado Profissional em Educação, a disciplina Prática de Pesquisa, e trilhar por caminhos nos quais ainda não havia percorrido. Ser aluna especial foi uma oportunidade incrível, pois me permitiu ampliar meus conhecimentos e me aprofundar no tema em questão.

Ao ingressar como aluna regular do Mestrado Profissional em Educação fui impulsionada a entender um pouco mais as concepções sobre sexualidade na educação infantil. A partir daí, objetivei perceber como as Teses e Dissertações têm abordado o presente tema, as situações que estão em jogo na Educação Infantil quando o assunto se refere à sexualidade das crianças. Ou seja, em que contexto os comportamentos infantis podem ser interpretados como possíveis manifestações da sexualidade. Através da análise dos trabalhos selecionados, percebi que a sexualidade é uma expressão da identidade e sofre constantemente padronizações heteronormativas de ordem social e familiar.

Falar sobre sexualidade é delicado, principalmente quando se refere à criança, pois causa receio, vergonha, sem contar a falta de informação e a insegurança que permeiam o assunto, dificultando o diálogo, que é tão necessário. Para Bona Junior (2011), sem dúvida, descobrir a importância das manifestações da sexualidade na infância é essencial para a construção da personalidade adulta, sendo ela o fundamento para as preocupações sobre educação sexual, desde a infância.

Desta forma, para entender a natureza desta investigação e seus objetivos subjacentes, a proposta desta investigação foi a de realizar um panorama do conhecimento (teses e dissertações) sobre sexualidade infantil em programas de pós-graduação brasileiras, sendo que defini como objetivo geral desta pesquisa: compreender as manifestações da sexualidade na infância, bem como conhecer como os currículos da educação infantil tem abordado a temática da sexualidade a partir das produções científicas da BDTD. Diante desse objetivo geral, delineei como objetivos específicos:

- a) Entender a sexualidade infantil enquanto uma manifestação do desenvolvimento humano e um campo de pesquisa educacional;
- b) Identificar as tendências temáticas presentes nas teses e dissertações que abordam a temática da sexualidade no currículo da educação infantil;
- c) Descrever as principais contribuições e desafios para a prática pedagógica citados nos resultados das pesquisas em sexualidade na educação infantil.

O desenvolvimento da pesquisa sobre sexualidade infantil foi analisado a partir do contexto da produção de teses e dissertações em programas de pós-graduação no país. Portanto, a investigação está inserida entre as pesquisas que se propõem a estabelecer um panorama do conhecimento, assim como é caracterizada segundo seus objetivos mais gerais como exploratória e descritiva. Com referência à natureza das fontes utilizadas, constituiu-se como uma pesquisa bibliográfica. A fim de apresentar o referido trabalho, organizei a dissertação em três seções, sendo que a primeira seção (artigo) tem como tema: Perspectiva das Produções Científicas sobre Sexualidade Infantil. Nesta seção, a proposta é fazer uma pesquisa, de cunho bibliográfico, em produções/pesquisas sobre Sexualidade Infantil. Ressalto que no primeiro momento realizei um estudo em relação ao tema.

Na segunda seção (artigo) aborda-se a Sexualidade Infantil: Apontamentos e Desafios Enquanto Campo de Pesquisa. Nesta seção busquei descrever os apontamentos e os desafios citados nas pesquisas científicas sobre o tema em questão. A terceira seção (artigo) tem como tema Contribuições de um Estudo Exploratório como Subsídio à Construção de uma Proposta Pedagógica sobre Sexualidade na Educação Infantil. Pretendo aqui apresentar contribuições sobre sexualidade infantil a professores, pais, responsáveis e a quem mais se interessar, para que possam conhecer/compreender o tema em questão.

Desse modo, entendo que a terceira seção, produto deste estudo e objeto de investigação, traz importantes contribuições e representa aproximação com o tema. Todavia, julgo que este seja um campo que necessita de mais investigações, considerando a sua complexidade e importância.

Em vista disso, leva-se em conta o desenvolvimento desta pesquisa, bem como os caminhos que percorri no sentido de melhor compreender a sua natureza e atender os seus objetivos. Reitero que não pretendo descrever uma receita ou um

manual sobre sexualidade na educação infantil, mas propor aos pais, professores e a quem mais se interessar, reflexões sobre o tema em questão.

CAPÍTULO I

2 PERSPECTIVA DAS PRODUÇÕES CIENTÍFICAS SOBRE SEXUALIDADE INFANTIL

Valdenir Castro Bezerra¹
Eduardo Cezari²

RESUMO: A presente pesquisa objetivou abordar a sexualidade na Educação Infantil, indo além da simples descrição para explorar suas complexidades e múltiplas dimensões. No recorte deste estudo, propomo-nos a inventariar e analisar criticamente as produções *stricto sensu* (teses e dissertações) sobre o tema, disponíveis na Plataforma Brasileira de Dissertações e Teses (BDTD), no período de 2008 a 2018. Além de mapear as produções científicas por ano, tipo de pesquisa e Programas de Pós-Graduação, buscamos desenvolver uma categorização robusta da sexualidade infantil, análise dos marcos legais, como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNs para Educação Infantil). A metodologia adotada é de natureza qualitativa, configurada como pesquisa bibliográfica do tipo "estado da arte", com análise de conteúdo. Argumenta-se que a formação de professores embasada em teóricos que discutem a sexualidade é crucial para uma abordagem clara e objetiva na educação infantil, desconstruindo tabus e preconceitos. Discutir e trabalhar a sexualidade nessa etapa da educação é uma tarefa necessária, visto que as identidades sexuais são construídas desde o nascimento, através de interações e mediações culturais.

Palavras-chave: Currículo; Educação Infantil; Sexualidade; BNCC; DCNs.

¹ Pedagoga (2011), especialista em Supervisão e Orientação Educacional/ITOP (2012), Docência da Educação Infantil/UFT (2015), professora da Rede Municipal de Ensino de Miracema do Tocantins (desde 2002), Mestranda do Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação – PPPGE da Universidade Federal do Tocantins – UFT, contato: valdenircastro1122ms@gmail.com

² Prof. Adjunto do curso de Pedagogia e do Programa de Pós-graduação Profissional em Educação da Universidade Federal do Tocantins – UFT; Membro do Grupo de Pesquisa TRANSER, contato: eduardo@uft.edu.br

ABSTRACT: This research aims to address sexuality in Early Childhood Education, going beyond a simple description to explore its complexities and multiple dimensions. Within the scope of this study, we propose to inventory and critically analyze *stricto sensu* productions (theses and dissertations) on the topic, available on the Brazilian Platform for Dissertations and Theses (BDTD) from 2008 to 2018. In addition to mapping scientific productions by year, research type, and Postgraduate Programs, we seek to develop a robust categorization of child sexuality and an analysis of legal frameworks, such as the Common National Curriculum Base (BNCC) and the National Curriculum Guidelines for Early Childhood Education (DCNs for Early Childhood Education). The adopted methodology is qualitative, configured as a "state-of-the-art" bibliographic research, with content analysis. It is argued that teacher training based on theorists who discuss sexuality is crucial for a clear and objective approach in early childhood education, deconstructing taboos and prejudices. Discussing and working with sexuality at this stage of education is an imperative task, given that sexual identities are constructed from birth through interactions and cultural mediations.

Keywords: Curriculum; Early Childhood Education; Sexuality; BNCC; DCNs.

2.1 Introdução

A pesquisa que fundamenta esta dissertação aborda a sexualidade na Educação Infantil e estabelece como objetivos primordiais: a) compreender a sexualidade infantil como uma manifestação complexa do desenvolvimento humano e um campo de pesquisa educacional multifacetado; b) identificar e categorizar as tendências temáticas presentes nas teses e dissertações que exploram a sexualidade no currículo da educação infantil; c) descrever as principais contribuições e desafios para a prática pedagógica, conforme os resultados das pesquisas analisadas.

Pretende-se, ainda, não apenas compreender as manifestações da sexualidade na infância, mas também analisar criticamente como os currículos da educação infantil têm abordado a temática da sexualidade à luz das produções científicas da BDTD e dos marcos legais vigentes.

Falar sobre sexualidade, especialmente no contexto da Educação Infantil, permanece como um desafio complexo na sociedade brasileira. Historicamente, o tema tem sido cercado por tabus, preconceitos e silenciamento, tornando-se um campo minado para pais e educadores. Essa dificuldade é agravada pela persistência de concepções reducionistas que limitam a sexualidade à genitalidade ou à reprodução, ignorando sua dimensão mais ampla e constitutiva do ser humano.

Apesar da resistência, é inegável que a manifestação da sexualidade infantil se torna cada vez mais precoce, impulsionada pela exposição crescente a conteúdos erotizados veiculados pela mídia e pelas tecnologias. Essa exposição molda percepções e comportamentos, aguçando a curiosidade natural das crianças sobre si mesmas e sobre o outro. No ambiente escolar, as manifestações da sexualidade infantil são rotineiras, mas frequentemente tratadas como indisciplina ou malícia, evidenciando a ausência de formação adequada para os profissionais da Educação Infantil.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996) reconhece a Educação Infantil como um nível fundamental para o desenvolvimento integral da criança. Contudo, a lacuna na discussão sobre sexualidade durante a formação de professores e a relutância familiar em abordar o tema transferem para a escola uma responsabilidade para a qual nem sempre está preparada. Torna-se, assim, crucial desmistificar a sexualidade infantil, compreendendo-a como uma dimensão presente desde o nascimento e intrínseca ao desenvolvimento humano, permeando o pensamento, o sentimento, o corpo, o olhar, o toque e as relações.

Neste contexto, o interesse em aprofundar a temática da sexualidade na Educação Infantil surge da experiência profissional e da percepção da urgência de diálogos sobre o tema. O presente estudo busca mapear e analisar as produções *stricto sensu* no período de 2008 a 2018, identificando suas contribuições, metodologias e referenciais teóricos.

2.2 Sobre sexualidade Infantil: da repressão à (re)significação

Para compreender os mitos, tabus e as visões equivocadas que ainda permeiam a sexualidade infantil, faz-se necessário um breve percurso histórico sobre as construções sociais e culturais do conceito de sexualidade. É fundamental

ressaltar que este estudo não tem a pretensão de esgotar a complexidade do tema, mas sim de fornecer subsídios para uma compreensão mais aprofundada.

A definição de sexualidade transcende a mera conotação biológica. Conforme o Pequeno Dicionário Houaiss (2015, p. 886), refere-se a um "conjunto de aspectos externos ou internos, determinado pelo sexo do indivíduo". Complementarmente, Figueiró (2006) a define como uma "dimensão ontológica essencialmente humana, cujas significações e vivências são determinadas pela natureza, pela subjetividade de cada ser humano e, sobretudo, pela cultura, num processo histórico e dialético" (FIGUEIRÓ, 2006, p. 42).

Essa perspectiva é crucial para o entendimento da sexualidade infantil, que não se restringe à genitalidade, mas abrange uma energia vital que impulsiona o conhecimento do próprio corpo e a interação com o meio.

A percepção de que a sexualidade acompanha o indivíduo desde o nascimento foi uma das contribuições mais revolucionárias de Freud (1905), que, ao publicar sua obra *Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade*, confrontou a sociedade de sua época, que negava a existência da sexualidade na infância. Freud (1905) evidenciou que a criança, desde o nascimento, é dotada de afeto, desejo e conflitos, lançando as bases para a compreensão da sexualidade infantil para além de uma visão puramente biológica.

A distinção entre sexo e sexualidade é fundamental. Enquanto sexo remete à dimensão biológica e à categorização de gênero (feminino/masculino), a sexualidade vai além das partes do corpo, constituindo-se como uma característica cultural e historicamente construída (FIGUEIRÓ, 2006).

A curiosidade e a exploração do próprio corpo por parte das crianças não devem ser confundidas com malícia, que reside, na verdade, no olhar estereotipado e erotizado dos adultos. Como afirmam Nunes e Silva (2006, p. 73), "a sexualidade transcende à consideração meramente biológica, centrada na reprodução e nas capacidades instintivas", demandando uma compreensão em sua totalidade.

Historicamente, a sexualidade foi moldada por discursos de poder. Boroto (2016) destaca como Estado, Igreja e Medicina, em diferentes momentos históricos, determinaram o que era considerado "normal" ou "anormal", "certo" ou "errado" em questões de sexualidade. Na Idade Média, a sexualidade foi rigidamente controlada pela Igreja, que impunha o celibato e a virgindade, e relegava o sexo apenas à procriação dentro do casamento (LEÃO, 2012). Essa visão negativa e restritiva foi

gradualmente tensionada com a emergência da sociedade moderna e do capitalismo.

No século XIX, a medicina, através do higienismo, passou a influenciar os comportamentos sexuais, associando a sexualidade não mais ao pecado, mas às Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs), embora mantendo resquícios de uma concepção de infância assexuada e pura (LEÃO, 2012; FIGUEIRÓ, 2001). No final do século XX e início do XXI, com a globalização, a sexualidade adentrou a esfera do consumo, tornando-se objeto da mídia, da indústria do entretenimento e da estética contemporânea (LEÃO, 2009).

Foucault (1988) oferece uma análise crítica sobre a repressão da sexualidade, argumentando que o controle se dá por meio de dispositivos de saber/poder, ou seja, é preciso estimular a fala sobre a sexualidade para conhecê-la e, conseqüentemente, controlá-la. Nunes (1987) aponta que, na sociedade contemporânea, a família tende a reproduzir discursos religiosos e higienistas, enquanto o Estado, por meio das escolas, adota uma visão mais técnica e preocupada com questões biológicas e demográficas.

A sexualidade, portanto, é um fenômeno socialmente construído, influenciado por normas sociais, cultura e momentos históricos (GARCIA, 2005). Sua compreensão demanda uma abordagem multidisciplinar que contemple as perspectivas da biologia, antropologia, economia, filosofia, psicologia e sociologia. A escola, como espaço de socialização e vivência das diversidades, tem um papel crucial na discussão da sexualidade e do gênero, desafiando a ambigüidade social que, apesar de falar intensamente sobre sexo, ainda lida com a desinformação e a falta de intimidade no assunto (ASSOLINI, 2009).

2.2.1 O desenvolvimento da sexualidade infantil: uma abordagem psicanalítica e suas implicações pedagógicas

A compreensão da sexualidade infantil tem sido, e ainda é, um campo permeado por reducionismos que a limitam à genitalidade ou à reprodução (BOROTO, 2016). No entanto, para uma análise aprofundada, adotaremos a perspectiva da psicanálise freudiana, que oferece uma visão mais abrangente e constitutiva da sexualidade humana desde a infância.

Para Sigmund Freud (1856-1939), a sexualidade possui um sentido muito mais amplo do que o habitualmente concebido, não se restringindo às atividades prazerosas vinculadas apenas ao aparelho genital. A psicanálise compreende a sexualidade como parte fundamental do ser humano, composta por uma gama de excitações e desejos presentes desde muito cedo, manifestando-se em atividades como a sucção, a retenção e expulsão de excrementos, o exibicionismo e a manipulação dos genitais (FREUD, 1905).

Através dessas atividades, o corpo se torna erotizado, em diferentes zonas erógenas, desde a infância. A psicanálise, inclusive, estabelece uma conexão entre as vivências da sexualidade infantil e o surgimento de neuroses na vida adulta, reforçando a importância de uma compreensão aprofundada desse período.

A curiosidade da criança em relação à sexualidade é inata e crucial para a construção de sua identidade. Como aponta Kupfer (2007, p. 81), "as primeiras investigações são sempre sexuais e não podem deixar de sê-lo: o que está em jogo é a necessidade que a criança tem de definir, antes de qualquer coisa, seu lugar no mundo. E esse lugar é, a princípio, um lugar sexual". A sistematização dessa compreensão foi elaborada por Freud em 1905, na obra *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*, dedicando o segundo ensaio à sexualidade infantil e afirmando a existência de "germes de moções sexuais que continuam a se desenvolver por algum tempo, mas depois sofrem supressão progressiva" (FREUD, 1905, p. 106).

É crucial diferenciar a sexualidade infantil da sexualidade adulta. A primeira não se restringe aos órgãos genitais ou à relação sexual, mas sim à curiosidade e à exploração do próprio corpo, satisfazendo-se de forma autoerótica. Nunes e Silva (2006, p. 52) enfatizam que "a sexualidade infantil é muito mais autêntica porque as crianças em geral não precisam provar nada a ninguém e também não estão preocupadas com os padrões de 'normalidade' que a sociedade impõe aos adultos". Reprimir a sexualidade da criança é, portanto, reprimir a construção de sua própria identidade e personalidade, pois há uma continuidade inseparável entre a sexualidade infantil e a adulta.

Neste sentido, Freud descreve o desenvolvimento psicosexual através de cinco fases:

Fase Oral (aproximadamente 0 a 1 ano): é marcada pela sucção e pela satisfação obtida através da boca, que se torna a principal zona erógena. A criança explora o mundo levando objetos à boca.

Fase Anal (aproximadamente 2 a 4 anos): o prazer se desloca para a região anal, com a criança desenvolvendo controle dos esfíncteres e noções de higiene.

Fase Fálica (aproximadamente 4 a 6 anos): a atenção se volta para a região genital. É nessa fase que as crianças constroem as "teorias sexuais infantis" e o "complexo de Édipo", com a atração pelo genitor do sexo oposto e a rivalidade com o do mesmo sexo. Freud (1905) argumenta que a personalidade se forma em grande parte nesses três primeiros estágios.

Fase de Latência (6 anos até a puberdade): é um período de menor tensão libidinal, em que a energia é direcionada para atividades sociais e escolares.

Fase Genital (a partir da puberdade): nesta fase os impulsos sexuais retornam e o adolescente busca um objeto de desejo externo, estabelecendo novas identidades sexuais e buscando satisfação das pulsões.

Freud (1905) também destaca o papel fundamental da educação no condicionamento dessas pulsões inatas. A Educação Infantil, nesse sentido, assume uma relevância ainda maior, pois é nesse período que se estabelecem as bases para a vida cognitiva, social e afetiva, incluindo a vida sexual.

A concepção de infância, historicamente, passou por diversas transformações, ora sendo vista como um ser assexuado e sem identidade, ora como sinônimo de inocência e pureza (NUNES e SILVA, 2000). Atualmente, a criança é compreendida como um ser em evolução, ativo na exploração de seu ambiente e de seu próprio corpo. Nesse processo de descoberta, a sexualidade se manifesta e exige uma intervenção adequada por parte dos educadores.

No entanto, Camargo e Ribeiro (1999) apontam que muitos professores ainda tratam as manifestações sexuais infantis como indisciplina, reprimindo-as de maneira errônea. Torna-se imperativo que os professores possuam conhecimento aprofundado sobre o desenvolvimento da sexualidade infantil, não para reprimi-la, mas para orientar as crianças de forma clara, estabelecendo limites e auxiliando-as na construção de sua identidade.

2.2.2 Categorização da Sexualidade Infantil

Para a discussão qualitativa sobre a sexualidade infantil, propomos uma categorização robusta que permita organizar e analisar as diferentes manifestações, compreensões e abordagens. Essa categorização é utilizada como lente para a

análise das produções científicas e dos marcos legais. As categorias propostas incluem:

A sexualidade como dimensão do desenvolvimento integral - aborda a sexualidade como parte indissociável do desenvolvimento físico, psíquico, intelectual e social da criança, presente desde o nascimento, e foca nas manifestações naturais da sexualidade infantil, sem erotização ou patologização.

Expressões da sexualidade infantil e suas manifestações no cotidiano escolar - compreende as diferentes formas como as crianças vivenciam e expressam sua sexualidade no ambiente escolar (brincadeiras, curiosidade sobre o corpo, interações sociais etc.).

Abordagens pedagógicas da sexualidade na educação infantil - analisa as propostas e práticas pedagógicas existentes ou necessárias para abordar a sexualidade de forma saudável, respeitosa e adequada à faixa etária, desconstruindo tabus e preconceitos. Inclui a discussão sobre formação de professores e currículo.

Sexualidade e diversidade (Gênero e Identidade) - explora a relação entre sexualidade, gênero e identidade na infância, considerando a diversidade de expressões e a necessidade de promoção de um ambiente inclusivo e livre de discriminação.

Sexualidade e Marcos Legais/Políticas Públicas - examina a presença e a interpretação da sexualidade em documentos oficiais, como a BNCC e as DCNs para a Educação Infantil, identificando suas diretrizes, lacunas e ambiguidades.

Essas categorias permitiram uma análise multifacetada, indo além da simples identificação de ocorrências para uma interpretação mais rica das complexidades envolvidas na sexualidade infantil e sua abordagem na educação.

3 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

A presente pesquisa baseou-se em uma revisão bibliográfica, com especial atenção às referências publicadas entre 2008 e 2018. Este recorte temporal, já justificado na seção metodológica pela consolidação de marcos legais e intensificação dos debates sobre educação e infância, é fundamental para que o estudo se alinhe às discussões sobre sexualidade infantil, educação e legislação.

A revisão buscou incorporar pesquisas, estudos e publicações que abordam as discussões sobre sexualidade infantil, educação e legislação nesse período. Isso inclui autores que definem as complexidades da sexualidade infantil sob uma perspectiva desenvolvimentista e psicossocial, como Freud (1905), Kupfer (2007), Nunes e Silva (2006, 2000), e Figueiró (2006). A escolha desses autores, mesmo que com obras publicadas fora do recorte, justifica-se por serem pilares teóricos para a compreensão da sexualidade infantil, cujas discussões foram retomadas e aprofundadas no período analisado.

Para a análise dos marcos legais, foram empregadas as versões mais atualizadas da Base Nacional Comum Curricular (BNCC, BRASIL, 2017) e das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNs para Educação Infantil, Brasil, 2009). A escolha dessas fontes foi central para compreender como a sexualidade (direta ou indiretamente) é abordada no contexto educacional brasileiro.

Além disso, foram consideradas as contribuições de autores que analisam as construções sociais da sexualidade, como Foucault (1988), Boroto (2016), Leão (2009, 2012), Garcia (2005) e Assolini (2009), cujas obras, mesmo publicadas fora do recorte, oferecem subsídios teóricos para a compreensão das influências históricas e culturais que moldam a percepção da sexualidade. A relevância dessas referências reside na sua capacidade de contextualizar a discussão sobre sexualidade infantil dentro de um panorama mais amplo de transformações sociais e culturais.

A atualização da base teórica não se limita à citação de novas obras, mas à integração dessas discussões na análise crítica do tema, permitindo uma compreensão mais aprofundada das complexidades da sexualidade infantil e de sua abordagem na Educação Infantil no período em questão.

4 METODOLOGIA DA PESQUISA

A presente pesquisa adotou uma abordagem metodológica qualitativa, configurada como um estado da arte, com o objetivo de responder à questão norteadora: Como os currículos da educação infantil têm abordado a temática da sexualidade a partir das produções científicas da BDTD? A escolha dessa abordagem se justifica pela necessidade de mapear, analisar e discutir a produção acadêmica brasileira sobre sexualidade infantil na Educação Infantil, permitindo a identificação de tendências, lacunas e contribuições significativas para o campo.

Inicialmente, faz-se necessário distinguir estado da arte de estado do conhecimento, embora frequentemente utilizados como sinônimos. Neste estudo, a denominação estado da arte é empregada para designar uma revisão bibliográfica sistemática que busca identificar teorias em construção, procedimentos de pesquisa, lacunas a serem trabalhadas e referenciais teóricos empregados em uma determinada área do conhecimento (FERREIRA, 2002).

A importância de pesquisas desse tipo reside na capacidade de apresentar uma integralidade do conhecimento produzido sobre um assunto, contribuindo para a evolução da ciência ao ordenar informações, identificar duplicações ou contradições, e apontar lacunas e vieses (SOARES; MACIEL, 2000). A fonte principal de coleta de dados foi a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), reconhecida por sua abrangência na produção *stricto sensu* brasileira.

Figura 1: visualização da Biblioteca BDTD

The image shows the BDTD website interface. At the top, there is a navigation bar with links for 'Participe', 'Acesso à informação', 'Legislação', and 'Canais'. Below this is the BDTD logo and a secondary navigation bar with links for 'Página Inicial', 'Sobre a BDTD', 'Rede BDTD', 'Acesso Aberto Brasil', and 'Serviços'. The main content area is titled 'Busca / Avançada' and features a 'Dicas de Busca' sidebar with links for 'Ajuda com a Busca Avançada' and 'Ajuda com Operadores de busca'. The central 'Busca Avançada' section includes a 'Busca por:' field with three input boxes, each with a 'Todos os campos' dropdown and a delete 'x' icon. To the right, there is a 'correspondência da busca:' dropdown set to 'TODOS os termos'. At the bottom of the search area, there are buttons for 'Adicionar campo de busca', 'Adicionar Grupo de Busca', and a green 'Buscar' button. A 'Limpar' button is located in the bottom right corner.

A busca foi realizada em maio de 2019, utilizando os descritores "currículo", "educação infantil" e "sexualidade" na busca avançada. O recorte temporal foi delimitado para o período de 2008 a 2018.

4.1 Critérios de Seleção Metodológica

A abordagem qualitativa, centrada no estado da arte com análise de conteúdo, foi a mais adequada para este estudo, pelo aprofundamento na compreensão que permite ir além de dados quantitativos, buscando o sentido e a interpretação das percepções, valores e conhecimentos sobre sexualidade na infância, expressos nas produções acadêmicas. A metodologia do estado da arte oferece um arcabouço para um levantamento exaustivo da produção em um período delimitado, essencial para a construção do conhecimento sobre o tema. A análise de conteúdo possibilita desvelar as formas como a sexualidade é tratada nas pesquisas, identificar as perspectivas teóricas predominantes e as implicações para a prática pedagógica.

As escolhas metodológicas estão diretamente alinhadas aos objetivos de discutir a sexualidade na Educação Infantil, mapear as produções, e analisar criticamente as abordagens e os marcos legais.

4.1.1 Delimitação Temporal

O recorte temporal de 2008 a 2018 foi escolhido estrategicamente por representar um período de intensa produção acadêmica e de importantes debates e avanços legislativos no campo da educação e da infância no Brasil. Nesse intervalo, houve a promulgação de marcos legais cruciais para a Educação Infantil, como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), em suas diferentes versões, com a versão final em 2017 e a consolidação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNs para Educação Infantil, de 2009).

A análise das produções nesse período permitiu compreender como a sexualidade infantil tem sido abordada na pesquisa acadêmica após a consolidação de diretrizes educacionais específicas para a Educação Infantil; Verificar como a comunidade acadêmica tem interpretado e debatido a presença (ou ausência) da sexualidade nesses documentos; Observar se o avanço legislativo e os debates

sociais sobre sexualidade e gênero impulsionaram a pesquisa sobre sexualidade infantil nesse período e quais temas ainda permanecem subexplorados. O período engloba uma década de transformações sociais, culturais e políticas que impactaram a percepção e o debate sobre sexualidade na infância no Brasil.

4.1.2 Etapas do Processo de Coleta e Análise de Dados

A busca inicial na BDTD, utilizando os descritores especificados, resultou em 41 títulos. Foi realizada uma leitura preliminar dos títulos, palavras-chave e resumos para identificar a relevância para o objeto de estudo. Considerou-se a abrangência da Educação Infantil como um todo, não se restringindo à pré-escola.

Quadro 01 – Filtros de busca utilizados na consulta na BDTD

FILTRO	METADADO
Buscar por	Todos os campos
Correspondência da busca	Todos os termos
Idioma	Português
Tipo de documento	Teses/dissertações
Ilustrado	Sem preferência
Ano de defesa	2008-2018

Fonte: elaborado pelos autores

Os critérios de inclusão foram pesquisas de caráter teórico ou de intervenção que abordassem os termos currículo, Educação Infantil e sexualidade. Incluíram-se trabalhos relacionados a diversos Programas de Pós-Graduação (Educação, Enfermagem, Psicologia, Ciências Humanas/História, Ciências Sociais e Sociologia, Ciências da Religião), a fim de obter uma visão multidisciplinar do tema.

Os critérios de exclusão, foram pesquisas voltadas para outros elementos da Educação Infantil não relacionados à sexualidade, estudos com crianças do Ensino Fundamental (1ª fase) ou adolescentes, ou aqueles que abordavam sexualidade e

gênero de professores com base em suas representações e memórias de infância, ou o profissional do sexo masculino na Educação Infantil, bem como pesquisas repetidas ou sem o documento digital disponível. Após a aplicação desses critérios, foram selecionadas 23 pesquisas (4 teses e 19 dissertações) para análise aprofundada.

4.1.3 Tabulação e Organização dos Dados

As pesquisas selecionadas foram tabuladas de acordo com os seguintes dados: ano de defesa, autores, título, nível (tese/dissertação) e área de conhecimento/instituição. Essa etapa permitiu visualizar a distribuição das produções ao longo do tempo e por programas. O mapeamento preliminar, ilustrado por gráficos e quadros, forneceu um panorama inicial da produção, revelando a predominância de dissertações e a maior participação feminina nas pesquisas.

Quadro 02 – Teses e Dissertações em Sexualidade na Educação Infantil

Código	Ano	Autor (a)	Instituição	Título
D01		Magda Helena Balbino Casarotti	UFMG	Sexualidade na educação infantil: impasses dos professores diante das questões das crianças
D02	2009	Danielle Lameirinhas Carvalhar	UFMG	Relações de gênero no currículo da educação infantil: a produção das identidades de princesas, heróis e sapos
T03		Giseli Monteiro Gagliotto	UNICAMP	A educação sexual na escola e a pedagogia da infância: matrizes institucionais, disposições culturais, potencialidades e

				perspectivas emancipatórias
D04		Jennifer Martins Silveira	PUC-GO	Manifestações da sexualidade da criança na educação infantil: estranhamentos e desafios
D05	2010	Nilsandra Martins de Castro	UNICAMP	Representações de identidades de gênero e de sexualidade nos discursos de professores de educação infantil
D06	2012	Kelly Bueno de Aquino	METODISTA	Religião e Sexualidade: Estudo de caso sobre a presença ou ausência de práticas educacionais voltadas para a sexualidade infantil nas Igrejas Metodistas do ABC
D07	2013	Raquel Baptista Spaziani	UNESP	Violência sexual infantil: compreensão de professoras sobre conceito e prevenção
D08		Karla Cristina Vicentini de Araújo	UNESP	Sexualidade na internet: análise de blogs sobre sexualidade e educação sexual
D09	2014	Alex Barreiro	UNICAMP	Da perversão dos prazeres à degeneração da raça: o imaginário da sexualidade infantil brasileira nos

				discursos de J.P Porto-Carrero
D10		Daniela Arroyo Fávero Moreira	UNESP	Compreendendo a sexualidade infantil nas relações de gênero: o lúdico como estratégia educativa
D11		Fernanda Ferrari Ruis	UNESP	Ser menino e menina, professor e professora na Educação Infantil: um entrelaçamento de vozes
D12		Andréia Serrano Cayres Rapatão	UNESP	Educação sexual, saúde e sexualidade: (re) significando as relações entre pais e filhos
D13	2015	Cristiane Rojas Céspedes	UFMT	Memórias de infância, relações de gênero e sexualidade nos significados e narrativas de professores/as
D14		Esther Maynard Pereira Mikowski	UFS	Pulsão de saber: uma leitura na obra freudiana
T15		Valéria Pall Oriani	UNESP	Relações de gênero e sexualidade na educação infantil: interfaces que envolvem as práticas pedagógicas
T16		Claudionor	UNESP	Proposta teórico-

		Renato da Silva		interpretativa em sexualidade infantil: contribuição à educação sexual a partir da Grounded Theory
D17		Ivonicleia Gonçalves Boroto	CEUNES-ES	TEMPOS E CONTRATEMPOS DA SEXUALIDADE INFANTIL: Concepções de professores da educação infantil
D18		Paula Maria Trabuco Sousa	PUC-GO	Contribuições para o processo de formação de professores em educação sexual
D19	2016	Mariana Cristina Lima Reis	PUC-SP	A atuação dos professores de educação infantil em relação ao gênero: sexualidade infantil, discriminação social e relações de poder
D20		Maria Angélica Brizolari Pongelupp e	UNESP	A mídia e a infância: da exposição aos reflexos na escola no tocante à sexualidade
D21		Irene Silva de Abreu	PUC-GO	Educação sexual em espaços da educação infantil
D22		Rita de Cassia Vieira	UNESP	Educação em sexualidade, sexualidade e gênero:

		Borges		desafios para professoras (es) do ensino infantil
D23		Marcilene Mendes Souza	UNESP	Educação em sexualidade: a web educação sexual em ação
D24		Maria Fernanda Celli de Oliveira	UNESP	Trajetória social e sexualidade: a estruturação da identidade de gênero na educação infantil
D25	2017	João Batista de Oliveira Filho	UFRN	Pedagogia dos corpos: gênero e sexualidade em práticas curriculares de dois CMEI da cidade do Natal - RN
D26		Mayara Machado Bichir	USP	Estamos educando para que Auschwitz não se repita? uma análise da importância da sexualidade infantil para a formação do indivíduo
D27		Jaqueline Tubin Fiera	UNIOESTE	O desenvolvimento psicossocial na criança com autismo no espaço educativo: um estudo empírico bibliográfico à luz da psicanálise
D28		Cristiano Rodineli De Almeida	UNIFESP	Educadores De Creche E A Violência Sexual Infantil: Um Tema Interditado

D29		Alexsandr o Ferreira Caitano	UNESC	Contribuições da psicanálise para a compreensão da sexualidade na educação infantil: entre angústia e mal-estar institucional, e agora, o que (não) fazer?
D30	2018	Clesiomar Antônio dos Santos Inácio	UNESP	Concepções sobre sexualidade de professores e funcionários que atuam em uma escola municipal de educação básica
D31		Valdir Eneias de Melo	UNICAP	O Grupo de Trabalho de Educação em Sexualidade da rede municipal de ensino do Recife: limites e avanços da sua atuação a partir das perspectivas religiosas de docentes
T32		Julia Maria Borges Anacleto	USP	Conhecimento e desejo nas formulações infantis

Fonte: elaborado pelos autores

4.1.4 Análise de Conteúdo/Temática

De posse dos textos completos, procedeu-se à leitura na íntegra de cada uma das 23 pesquisas selecionadas. Para a análise dos dados, optou-se pela Análise de Conteúdo, seguindo as fases propostas por Bardin (1977):

Pré-análise - fase de organização do material, com leitura flutuante para formação de primeiras impressões e escolha dos documentos. Foram estabelecidas como corpus de análise as 23 pesquisas completas.

Exploração do material - aplicação sistemática das categorias de análise predefinidas (ou emergentes) ao conteúdo dos documentos. Para cada pesquisa, foram extraídos dados sobre: 1) Tipo de Pesquisa; 2) Abordagem metodológica; 3) Instrumentos de coleta de dados; 4) Referências Teóricas do currículo; 5) Objetivo da pesquisa. Além disso, buscou-se identificar trechos, ideias e argumentos que se relacionassem com as categorias de sexualidade infantil propostas neste estudo.

Tratamento dos resultados, inferência e interpretação - os dados brutos foram organizados, categorizados e interpretados. Buscou-se identificar padrões, frequências, contradições e tendências nas abordagens da sexualidade infantil nas produções. A análise não buscou mensurar a qualidade ou relevância, mas sim compreender as abordagens e contribuições.

5 ANÁLISE CRÍTICA DOS MARCOS LEGAIS NA ABORDAGEM DA SEXUALIDADE INFANTIL

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNs para Educação Infantil) são documentos basilares para a organização do currículo na educação brasileira. A análise crítica desses marcos legais é fundamental para compreender como a sexualidade infantil é contemplada (ou não) e quais as implicações para a prática pedagógica.

5.1 Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e a Sexualidade Infantil

A BNCC (BRASIL, 2017), embora não utilize explicitamente o termo "sexualidade" em suas seções dedicadas à Educação Infantil, aborda temas correlatos que dialogam diretamente com a construção da identidade sexual e de gênero das crianças. A abordagem da sexualidade na BNCC se dá de forma transversal, permeando os campos de experiências e os direitos de aprendizagem.

As seções e artigos da BNCC que abordam, direta ou indiretamente, a sexualidade ou temas correlatos incluem: O Eu, o Outro e o Nós - este campo de experiências promove o reconhecimento das próprias emoções e as dos outros, o respeito às diferenças e a construção de identidades e subjetividades.

Ao explorar as relações interpessoais e a diversidade, a BNCC indiretamente abre espaço para a discussão de questões de gênero e de respeito às diferentes formas de ser e estar no mundo, que são indissociáveis da sexualidade. As interações e o reconhecimento das singularidades de cada criança são cruciais para a formação da identidade de gênero e o respeito à diversidade sexual.

Corpo, gestos e movimentos - este campo é fundamental para a exploração do próprio corpo, suas sensações, limites e possibilidades. A consciência corporal é um dos pilares para a construção da sexualidade infantil. A BNCC enfatiza a importância de as crianças explorarem e vivenciarem seu corpo, o que, embora não explicitamente sexual, permite que elas desenvolvam autonomia e autoconhecimento, elementos essenciais para uma relação saudável com a própria sexualidade.

Escuta, fala, pensamento e imaginação - este campo, ao incentivar a expressão e a comunicação, permite que as crianças manifestem suas curiosidades,

dúvidas e percepções sobre o corpo e as relações. A BNCC valoriza a escuta atenta das falas infantis, o que pode incluir questionamentos sobre diferenças corporais, reprodução e relações afetivas.

5.1.1 Contradições, Lacunas e Ambiguidades na BNCC

A principal contradição da BNCC reside na ausência de uma abordagem explícita e sistemática da sexualidade infantil. Embora os campos de experiências ofereçam janelas para a discussão de temas correlatos, a falta de clareza e de diretrizes específicas pode levar à negligência ou a abordagens inadequadas por parte dos educadores.

Com relação às lacunas, a BNCC falha em oferecer um arcabouço teórico-metodológico robusto para que os professores compreendam e abordem a sexualidade infantil de forma qualificada. A ausência de um tratamento mais direto sobre o tema pode ser interpretada como um silenciamento, reforçando o tabu social em torno da sexualidade na infância.

No que se refere ao não nomear a sexualidade de forma explícita, a BNCC deixa a cargo da interpretação individual dos educadores a inclusão e a profundidade dessas discussões, gerando inconsistências na prática pedagógica. Isso pode levar a situações em que temas relevantes para a sexualidade infantil, como o respeito à diversidade sexual e de gênero, sejam ignorados ou tratados de forma enviesada.

A implementação da BNCC, nesse sentido, pode gerar tensões entre o que é proposto na legislação (indiretamente) e a prática pedagógica (que necessita de formação e diretrizes claras). A interpretação vaga pode resultar em reforço de preconceitos, pois a falta de orientação pode levar professores a reproduzir em sala de aula tabus e preconceitos internalizados, em vez de promover uma educação sexual plural e respeitosa.

A dificuldade em lidar com o tema pode levar ao completo silenciamento das manifestações da sexualidade infantil, privando as crianças de um ambiente seguro para explorar suas curiosidades e construir sua identidade. Em alguns casos, a abordagem pode se restringir a aspectos meramente biológicos ou de prevenção de abusos, desconsiderando a complexidade da sexualidade como dimensão do desenvolvimento humano.

5.1.2 Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil e a Sexualidade Infantil

As DCNs para Educação Infantil (BRASIL, 2009) antecedem a versão final da BNCC e oferecem um panorama geral sobre os princípios, fundamentos e procedimentos da Educação Infantil. De forma semelhante à BNCC, as DCNs não abordam a sexualidade de forma explícita, mas abordam indiretamente o tema através de princípios como o respeito à dignidade da criança e a promoção de sua integralidade.

As DCNs ressaltam a importância da formação integral da criança, abrangendo seu aspecto físico, psicológico, intelectual e social. Essa integralidade, embora não detalhe a sexualidade, subentende a necessidade de se considerar todas as dimensões do desenvolvimento infantil. A ênfase na valorização da diversidade, do respeito às diferenças e da construção da autonomia também cria um terreno fértil para a abordagem da sexualidade e de gênero.

5.1.3 Contradições, Lacunas e Ambiguidades nas DCNs

As DCNs compartilham das mesmas lacunas e ambiguidades da BNCC no que tange à sexualidade infantil. A principal crítica reside na abordagem indireta e generalista, que não oferece subsídios concretos para a prática pedagógica.

As lacunas referem-se a falta de um debate aprofundado sobre a sexualidade nas DCNs, o que reflete na persistência do tabu em torno do tema na formulação de políticas educacionais. Não há orientações claras sobre como os educadores devem lidar com as manifestações da sexualidade infantil ou como integrar a educação sexual no currículo.

A linguagem mais genérica sobre o desenvolvimento integral e o respeito às diferenças, embora positiva, pode ser interpretada de diversas maneiras, o que permite que a sexualidade seja ignorada ou tratada de forma superficial, sem a devida relevância e profundidade.

5.1.4 Tensões entre Legislação e Prática Pedagógica

A análise conjunta da BNCC e das DCNs revela uma tensão significativa, enquanto os documentos preveem a formação integral e o respeito à diversidade, a ausência de um tratamento explícito e sistemático da sexualidade infantil deixa os educadores em uma posição vulnerável.

Essa lacuna pode resultar em insegurança e despreparo, pois os professores se sentem inseguros e despreparados para lidar com as manifestações da sexualidade das crianças, muitas vezes recorrendo à repressão ou ao silenciamento por falta de conhecimento e apoio institucional.

A ausência de diretrizes claras faz com que a abordagem da sexualidade dependa da sensibilidade, da formação pessoal e das crenças individuais de cada educador, gerando heterogeneidade e, por vezes, abordagens prejudiciais.

A falta de discussões sobre diversidade sexual e de gênero nos documentos pode contribuir para a perpetuação de modelos hegemônicos e a invisibilização de identidades não normativas, comprometendo o desenvolvimento pleno das crianças.

Embora a BNCC e as DCNs apresentem princípios que poderiam acolher a discussão da sexualidade infantil, a ausência de um tratamento direto e aprofundado do tema configura uma lacuna que exige atenção. A superação dessa lacuna requer não apenas a revisão dos documentos, mas também a implementação de políticas de formação continuada para os educadores, que os capacitem a abordar a sexualidade infantil de forma ética, respeitosa e alinhada aos direitos da criança.

6 ANÁLISE QUALITATIVA DOS DADOS

Para a análise de dados foi realizada a aplicação rigorosa da Análise de Conteúdo, conforme os pressupostos de Bardin (1977). O processo de análise ocorreu em etapas sistemáticas, buscando extrair e interpretar os significados e as tendências presentes nas teses e dissertações selecionadas.

6.1 Procedimentos da Análise de Conteúdo Pré-análise

Inicialmente, foi realizada uma leitura minuciosa das 23 pesquisas completas para familiarização com o material, identificação dos temas recorrentes e formação de primeiras impressões. Essa fase permitiu uma visão geral do corpus e a delimitação das unidades de registro e contexto. O corpus de análise foi composto pelas 4 teses e 19 dissertações selecionadas após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão. As pesquisas foram organizadas por ano de defesa, autoria, instituição e título, conforme apresentado no Quadro 02.

6.1.1 Exploração do Material

As unidades de registro foram definidas como trechos de texto (frases, parágrafos) que abordavam diretamente os temas de interesse (sexualidade, educação infantil, currículo, formação de professores etc.). As unidades de contexto foram os capítulos, seções ou mesmo a pesquisa como um todo, que forneciam o arcabouço para a interpretação das unidades de registro.

Cada unidade de registro relevante foi codificada com base nas categorias de sexualidade infantil propostas neste estudo (Sexualidade como Dimensão do Desenvolvimento Integral; Expressões da Sexualidade Infantil e suas Manifestações no Cotidiano Escolar; Abordagens Pedagógicas da Sexualidade na Educação Infantil; Sexualidade e Diversidade; Sexualidade e Marcos Legais/Políticas Públicas). Além disso, códigos emergentes foram criados para capturar nuances não previstas inicialmente, como a formação de professores e a ausência de debate nos currículos de graduação, que se mostraram recorrentes e relevantes.

Os dados codificados foram sistematicamente registrados em planilhas, com informações sobre a pesquisa de origem (código, ano, autor), o trecho relevante e a

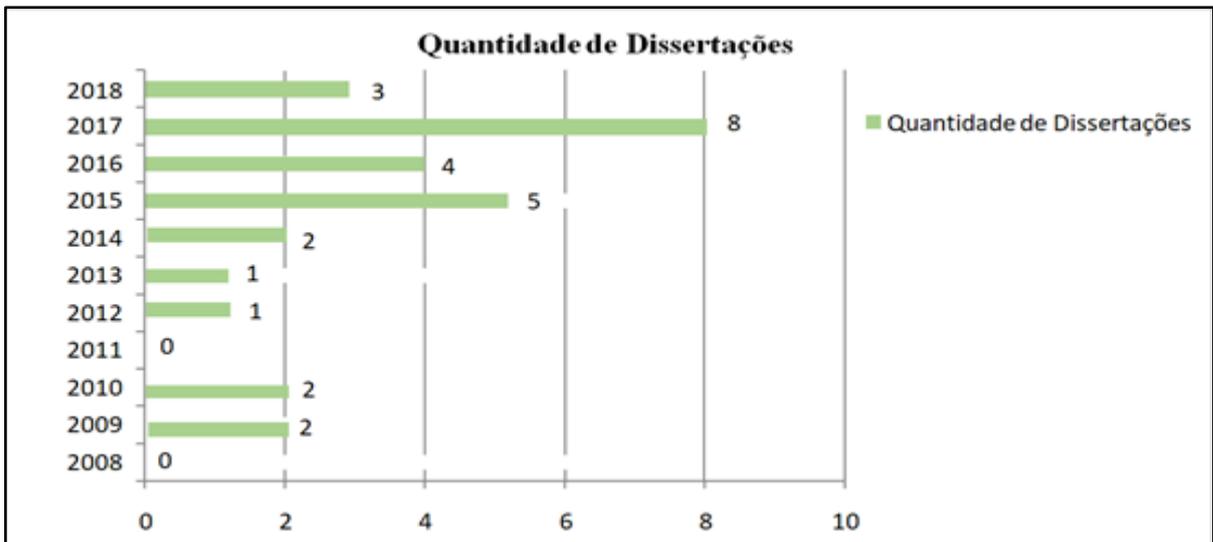
categoria a que pertencia. Essa organização permitiu a visualização e a quantificação (não para fins estatísticos, mas de identificação de recorrências) das categorias e subcategorias.

6.1.2 Tratamento dos Resultados, Inferência e Interpretação

Os dados foram agrupados por categoria, permitindo uma análise descritiva da frequência e da forma como cada tema era abordado nas pesquisas.

Na catalogação quanto ao número de publicações de dissertações por ano foi identificado o seguinte resultado:

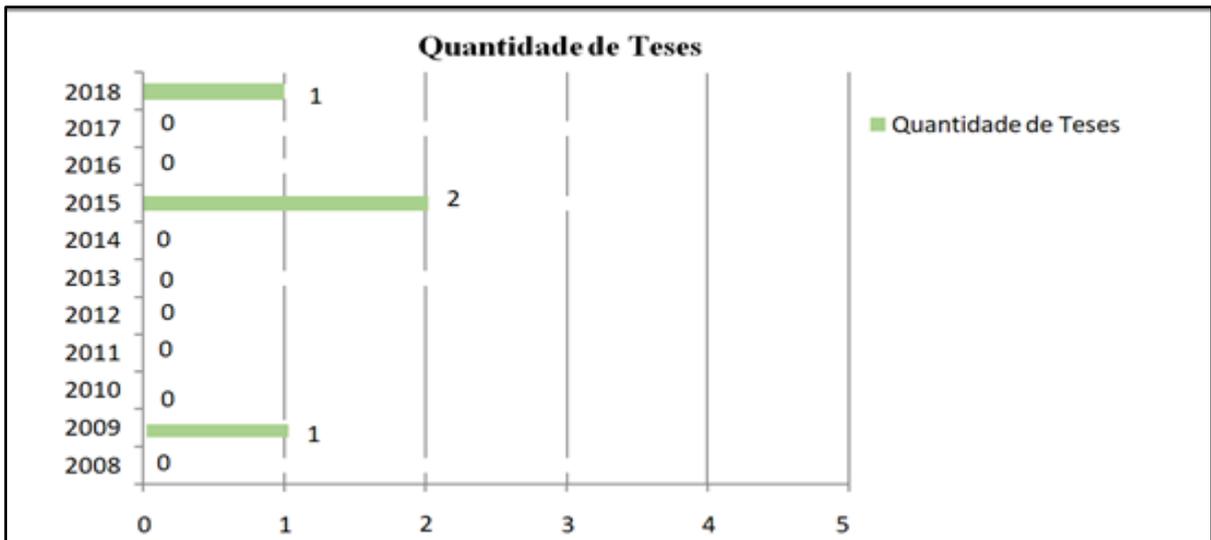
Gráfico 1 - Número de publicações de dissertações



Fonte: Elaborado pelos autores

Quanto ao número de publicações de teses por ano identificamos o seguinte resultado:

Gráfico 2-Número de publicação de teses



Fonte: Elaborado pelos autores

Gráficos (Gráfico 1 e Gráfico 2) e tabelas (Quadro 01) foram utilizados para visualizar a distribuição das produções por ano e nível.

A partir da organização dos dados, foram realizadas inferências e interpretações. Buscou-se identificar padrões, convergências e divergências nas abordagens, bem como as relações entre as categorias. A discussão foi embasada nos referenciais teóricos apresentados na revisão bibliográfica.

Os resultados da análise foram conectados diretamente aos objetivos da pesquisa. Por exemplo, a constatação da escassez de produção acadêmica sobre sexualidade na Educação Infantil na BDTD (constatada em "Resultados e Discussão") responde diretamente ao objetivo de mapear as produções científicas.

6.1.3 Apresentação dos Resultados e Articulação com as Categorias e Objetivos

Após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, identificaram-se 32 pesquisas (4 teses e 28 dissertações) que abordavam os descritores utilizados. Destas, 23 foram selecionadas para a análise aprofundada, cujo campo de aplicação era a Educação Infantil.

Um dado relevante, descoberto pela análise, foi a predominância de pesquisas realizadas por mulheres (18) em comparação com homens (5). Esta estatística corrobora a tendência da maior participação feminina na área da Educação e, especificamente, na Educação Infantil, como indicam dados do Instituto

Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP (BRASIL, 2018).

A análise temporal da produção revelou um crescimento no número de dissertações a partir de 2015, conforme o Gráfico 1, embora o aumento ainda seja considerado pequeno diante da relevância do tema. O Gráfico 2 demonstrou que o número de teses sobre sexualidade infantil na Educação Infantil no período analisado é significativamente menor do que o de dissertações, o que pode ser parcialmente explicado pela maior atuação de mestrandos na Educação Infantil.

A leitura das palavras-chave e resumos permitiu uma categorização inicial dos estudos encontrados, revelando que, embora alguns se relacionassem diretamente com a sexualidade infantil, muitos abordavam temas correlatos como gênero masculino na docência, documentos oficiais, análise curricular, práticas educativas, literatura infantil e formação de professores. Essa diversidade de temas, por vezes, desviava o foco da sexualidade infantil em si, direcionando-o para educação sexual com crianças maiores ou para a sexualidade dos próprios professores, o que levou à exclusão de alguns trabalhos inicialmente identificados.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa, ao analisar criticamente as produções científicas sobre sexualidade na Educação Infantil na BDTD (2008-2018), revelou aspectos cruciais para a reflexão de profissionais da educação comprometidos com uma educação pública de qualidade, justa e menos preconceituosa.

O percurso investigativo reforçou a consciência sobre a responsabilidade do educador ao abordar a sexualidade das crianças com um olhar aguçado e diferenciado, buscando desconstruir os muros de tabus e preconceitos que insistem em ser erguidos.

Retomando a questão norteadora, como os currículos da educação infantil têm abordado a temática da sexualidade a partir das produções científicas da BDTD? constatou-se que as produções acadêmicas sobre sexualidade na Educação Infantil, embora crescentes, ainda são escassas em relação à complexidade e relevância do tema. As pesquisas indicam uma preocupação em ouvir e compreender o universo das crianças, observando que, em certas faixas etárias, a discriminação de gênero é menos evidente nas brincadeiras.

Um dos problemas mais recorrentes identificados nos 23 estudos analisados é a falta de discussão sobre sexualidade e gênero nos cursos de formação inicial e continuada de professores, bem como a ausência desses temas nos próprios currículos de graduação. Embora essa questão tenha emergido fortemente na análise, optou-se por não a tornar uma categoria central da discussão, a fim de manter o foco nas crianças e suas realidades. No entanto, não se pode ignorar o impacto direto da formação dos profissionais da educação na prática pedagógica com as crianças.

Corrobora-se, neste sentido, com as pesquisas que ressaltam a urgência de revisão e adequação dos currículos dos cursos de formação de professores e das políticas de formação. As dificuldades e confusões percebidas pelos educadores em relação à sexualidade infantil, tanto na forma de agir quanto na conceituação, são reflexos dessa lacuna e podem levar à reprodução de preconceitos.

Contudo, a simples modificação curricular não será a solução imediata. Transformações na educação são processos de médio e longo prazo. Além da inclusão da sexualidade e do gênero nos currículos, é necessário o desenvolvimento de políticas públicas comprometidas com uma educação sexual de qualidade.

Apesar de todos os esforços para abranger a totalidade das pesquisas relevantes, reconhece-se a possibilidade de que alguma tese ou dissertação possa ter passado despercebida. Este trabalho, contudo, representa uma tentativa de apreender e explicar o que as teses e dissertações têm apresentado sobre sexualidade na Educação Infantil. Espera-se que ele suscite novas inquietações e proporcione olhares diversos para futuras investigações. Nenhum conhecimento é inédito; parte-se sempre de algo já construído para ampliá-lo ou refutá-lo, marcando o início de novas histórias.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BORGES, Rita de Cássia Vieira. **Educação em sexualidade, sexualidade e gênero**: desafios para professoras (es) do Ensino Infantil. 2017. 188 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2017.

Disponível em:

https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/149945/borges_rcv_me_arafcl.pdf?sequence=3&isAllowed=y. Acesso em: jan. 2020.

BONA JUNIOR, A. (Org.). **A sexualidade em questão**: estudos e subsídios sobre o abuso e a educação sexual de crianças e adolescentes. União da Vitória: Uniporto, 2011.

BRASIL. Congresso Nacional. Senado Federal. **LDB**: Lei de diretrizes e bases da educação nacional: Lei n. 9.394, de 1996. Brasília: Senado Federal, 1996.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Congresso Nacional, 1988.

BRASIL. **Decreto n. 99.710, de 21 de novembro de 1990**. Promulga a Convenção sobre os Direitos da Criança. Brasília: Casa Civil, 1990.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Dispõe das Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: Congresso Nacional, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação e Desporto. **Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil**. Brasília: MEC, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação CEB 1/99, Brasília: MEC, 1999.

BRAGA, Eliane Rose Maio. Sexualidade infantil: a importância da formação de professores (as) na questão de gênero. In: CARBELLO, Sandra Regina Cassol; COMAR, Sueli Ribeiro (Org.). **Educação no século XXI**: Múltiplos desafios. Maringá: Eduem, 2009.

CAMARGO, B. V.; RIBEIRO, M. A. Sexualidade na escola: o desafio de educar. In: ANAIS DO IV CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO, 1999.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. As pesquisas denominadas “estado da arte”. **Educação & Sociedade**, São Paulo, ano 23, n. 79, p. 257-272, ago. 2002. Disponível em: <https://www.SciELO.br/pdf/es/v23n79/10857.pdf>. Acesso em: 04 dez. 2019.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. **Formação de educadores sexuais: adiar não é mais possível.** Londrina: Eduel, 2006.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão.** Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, Vozes, 1987. 288p.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber.** Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FREUD, Sigmund. **Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade.** [Ano da edição brasileira utilizada]. (Obra original publicada em 1905).

FURLANI, Jimena. Encarar o desafio da Educação Sexual na escola. In: **Sexualidade**; Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Departamento de Diversidades. Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual - Curitiba: SEED – Pr., 2009.

GARCIA, J. S. **O corpo e a sexualidade nas práticas educativas.** 2005. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

KUPFER, Maria Cristina Machado. **Freud e a educação: o mestre do impossível.** 4. ed. São Paulo: Escuta, 2007.

LEÃO, Denise. A sexualidade no discurso midiático. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, n. 40, p. 75-80, dez. 2009.

LEÃO, Denise. Sexualidade e educação: percursos históricos e desafios contemporâneos. In: BONA JUNIOR, A. (Org). **A sexualidade em questão: estudos e subsídios sobre o abuso e a educação sexual de crianças e adolescentes.** União da Vitória: Uniporto, 2012.

LOPES, Alice Ribeiro Casimiro. **Políticas de integração curricular.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

LOURO, Guacira Lopes. **Pedagogias da Sexualidade.** O Corpo educado: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e Sexualidade. As múltiplas “verdades” da contemporaneidade. **Anais do II Congresso Internacional Cotidiano: Diálogos sobre Diálogos.** Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2008a.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação.** Uma perspectiva pós-estruturalista. 10 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008b.

NUNES, César Aparecido. **Desvendando a sexualidade.** Campinas: Papirus, 1987.

NUNES, C.; SILVA, E. **A educação sexual da criança**: subsídios teóricos e propostas práticas para uma abordagem da sexualidade para além da transversalidade. Campinas: Autores Associados, 2006.

NUNES, C.; SILVA, E. **A sexualidade na educação infantil**. Campinas: Autores Associados, 2000.

OLIVEIRA, C. A. Sexualidade: um desafio escolar. In: BONA JUNIOR, A. (Org). **A sexualidade em questão**: estudos e subsídios sobre o abuso e a educação sexual de crianças e adolescentes. União da Vitória: Uniporto, 2011.

RATUSNIAK, C. Educação do corpo. In: BONA JUNIOR, A. (Org.). **A sexualidade em questão**: estudos e subsídios sobre o abuso e a educação sexual de crianças e adolescentes. União da Vitória: Uniporto, 2011.

ROCHE, Fernanda. **Falando de sexualidade infantil**. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/viver-bem/comportamento/falando-desexualidade-infantil/>>. Acesso em: 21 de maio de 2019.

SCHINDHELM, Virginia Georg. A sexualidade na educação infantil. **Revista Aleph Infâncias**. Ano V, nº 16. Novembro, 2011. Disponível em: <http://www.uff.br/revistaleph/pdf/art9.pdf>. Acesso em: 10 de junho de 2019.

SOARES, Magda Becker; MACIEL, Francisca Pereira. **Alfabetização no Brasil**: o estado do conhecimento. 2000. Disponível em: <http://www.mec.inep.gov.br>. Acesso em: jan. 2020.

UNESCO. **Orientações técnicas de educação em sexualidade para o cenário brasileiro**: tópicos e objetivos de aprendizagem. Brasília, 2013.

CAPÍTULO II

8 SEXUALIDADE INFANTIL: REFLEXÕES TEÓRICAS E SUAS CONEXÕES COM OS ACHADOS DA PESQUISA

Valdenir Castro Bezerra³
Eduardo Cezari⁴

RESUMO: A presente seção explora a sexualidade infantil sob uma perspectiva multifacetada, analisando-a como uma construção histórica, social e cultural, em diálogo com referenciais teóricos como Jeffrey Weeks, Michel Foucault, Guacira Lopes Louro, Lev S. Vygotsky e Maria Cecília Pereira da Silva. Discute-se a desnaturalização da sexualidade e sua compreensão como um "dispositivo de poder-saber" (Foucault), as "pedagogias da sexualidade" que moldam o corpo e a expressão sexual (Louro), o desenvolvimento sociocultural mediado pela interação e cultura (Vygotsky), e a sexualidade como um processo contínuo desde a infância (Silva), corroborado pelas Orientações da UNESCO. A articulação desses referenciais com os achados de pesquisas sobre sexualidade infantil (4 teses e 28 dissertações de 2008 a 2018) revela uma lacuna significativa: a pouca relação explícita com o tema, a prevalência de abordagens higienistas/medicalizadas e a ausência de uma perspectiva desenvolvimentista e construtivista. O documento aponta para o silenciamento da sexualidade infantil na academia e na prática pedagógica, suas implicações para a formação de professores e a necessidade de futuras pesquisas que superem tabus, integrem abordagens teóricas e promovam uma compreensão mais abrangente e positiva da sexualidade na infância.

Palavras-chave: Sexualidade Infantil; Educação Infantil; Construção Social; Pedagogias da Sexualidade; Desenvolvimento Humano.

³ Pedagoga (2011), especialista em Supervisão e Orientação Educacional/ITOP (2012), Docência da Educação Infantil/UFT (2015), professora da Rede Municipal de Ensino de Miracema do Tocantins (desde 2002), Mestranda do Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação – PPPGE da Universidade Federal do Tocantins – UFT, contato: valdenircastro1122ms@gmail.com

⁴ Prof. Adjunto do curso de Pedagogia e do Programa de Pós-graduação Profissional em Educação da Universidade Federal do Tocantins – UFT; Membro do Grupo de Pesquisa TRANSER, contato: eduardo@uft.edu.br

ABSTRACT: This document explores childhood sexuality from a multifaceted perspective, analyzing it as a historical, social, and cultural construct. It engages in dialogue with theoretical frameworks from scholars such as Jeffrey Weeks, Michel Foucault, Guacira Lopes Louro, Lev S. Vygotsky, and Maria Cecília Pereira da Silva. The text discusses the denaturalization of sexuality and its understanding as a "power-knowledge apparatus" (Foucault), the "pedagogies of sexuality" that shape the body and sexual expression (Louro), sociocultural development mediated by interaction and culture (Vygotsky), and sexuality as a continuous process from childhood (Silva), corroborated by UNESCO guidelines. The articulation of these frameworks with the findings of research on childhood sexuality (4 theses and 28 dissertations from 2008 to 2018) reveals a significant gap: a limited explicit connection to the topic, the prevalence of hygienist/medicalized approaches, and the absence of a developmental and constructivist perspective. The document highlights the silencing of childhood sexuality in academia and pedagogical practice, its implications for teacher training, and the need for future research that overcomes taboos, integrates theoretical approaches, and promotes a more comprehensive and positive understanding of sexuality in childhood.

Keywords: Childhood Sexuality; Early Childhood Education; Social Construction; Pedagogies of Sexuality; Human Development.

8.1 Introdução

A sexualidade na infância é um tema de crescente relevância e complexidade no campo da educação e das ciências humanas. Longe de ser uma dimensão meramente biológica ou reprodutiva, a sexualidade infantil se configura como um fenômeno multifacetado, intrinsecamente ligado às construções sociais, culturais e históricas. Este documento tem como objetivo aprofundar a compreensão sobre a sexualidade infantil, explorando os principais referenciais teóricos que a abordam e estabelecendo um diálogo crítico com os achados de pesquisas acadêmicas recentes.

Ao longo deste trabalho, serão apresentadas as contribuições de autores como Jeffrey Weeks, Michel Foucault, Guacira Lopes Louro, Lev S. Vygotsky e Maria Cecília Pereira da Silva, que oferecem lentes distintas para analisar como a

sexualidade é produzida, regulada e experienciada desde os primeiros anos de vida. A partir dessa fundamentação teórica, realizou-se uma articulação com os resultados de uma pesquisa que analisou teses e dissertações sobre sexualidade infantil defendidas entre 2008 e 2018. Esta análise comparativa permitiu identificar lacunas, desafios e perspectivas para o campo, especialmente no que tange à formação de professores e às práticas pedagógicas na educação infantil.

A relevância deste estudo reside na urgência de desmistificar a sexualidade infantil, superando tabus e preconceitos que historicamente a silenciaram ou patologizaram. Ao promover uma compreensão mais abrangente e positiva do tema, este documento busca contribuir para o desenvolvimento de ambientes educacionais mais acolhedores, informados e respeitosos, que reconheçam a sexualidade como parte integrante do desenvolvimento humano e um direito fundamental das crianças.

8.2 Aprofundamento Teórico: Diálogos e Conceituações sobre Sexualidade Infantil

A compreensão da sexualidade infantil transcende uma visão meramente biológica ou reprodutiva, configurando-se como um campo multifacetado, construído social e culturalmente. Jeffrey Weeks (2001), em sua análise sobre o corpo e a sexualidade, destaca que a sexualidade não é uma essência natural e imutável, mas sim uma formação histórica e social. Para o autor, a sexualidade é um regime da verdade que é historicamente construído e que se manifesta de diferentes formas ao longo do tempo e em diversas culturas. Essa perspectiva é crucial para desnaturalizar a sexualidade e compreendê-la como um campo de disputas e significados, inclusive na infância.

A visão de Weeks (2001) ressoa com as propostas de Michel Foucault (2005), que, em *História da Sexualidade*, argumenta que a sexualidade não é algo a ser descoberto ou libertado, mas sim um dispositivo de poder-saber que emerge no século XIX. Foucault (2005) evidencia como a sexualidade foi categorizada, medicalizada e gerenciada por diversas instituições, influenciando diretamente a forma como se concebe a sexualidade infantil, muitas vezes silenciada ou patologizada. O discurso da sexualidade na infância, portanto, é menos sobre o que a criança é e mais sobre como a sociedade a produz e a normaliza através de suas práticas e saberes (FOUCAULT, 2005).

A interface entre a construção social da sexualidade e o corpo enquanto lócus de experiências e aprendizagens é aprofundada por Guacira Lopes Louro (2001), que, ao discutir as pedagogias da sexualidade, enfatiza como o corpo é educado e disciplinado para se enquadrar em normas sexuais. Louro (2001) argumenta que as instituições sociais, incluindo a escola, atuam como pedagogias culturais que moldam a forma como os sujeitos, desde a infância, experimentam e expressam sua sexualidade. A ideia de que a sexualidade é ensinada e aprendida, e não apenas inata, é fundamental para compreender as dinâmicas sociais e educacionais que permeiam a infância (LOURO, 2001).

Essa concepção de Louro (2001) dialoga com a perspectiva histórico-cultural de Lev S. Vygotsky (1998, 2000, 2001), que, embora não tenha se dedicado especificamente à sexualidade, oferece um arcabouço teórico robusto para entender o desenvolvimento humano. Vygotsky (1998) afirma que o desenvolvimento é mediado pelas interações sociais e pela cultura, e que as funções psicológicas superiores são construídas a partir da internalização de experiências sociais.

Sob essa ótica, a sexualidade, enquanto aspecto do desenvolvimento humano, seria moldada pelas interações da criança com seu ambiente social e cultural, e pela linguagem, que permite a ela significar e simbolizar suas experiências (VYGOTSKY, 2000, 2001). Assim, a forma como a criança percebe e expressa sua sexualidade é intrinsecamente ligada aos contextos sociais e simbólicos em que está inserida.

Maria Cecília Pereira da Silva (2004), em *Sexualidade começa na Infância*, destaca a complexidade do tema ao salientar que a sexualidade infantil é um processo contínuo que se manifesta desde os primeiros anos de vida. A autora desmistifica a ideia de que a sexualidade surge apenas na puberdade, enfatizando que as crianças exploram seus corpos, expressam afetos e estabelecem relações que são, em sua essência, manifestações de sua sexualidade (SILVA, 2004).

A abordagem de Silva (2004) complementa as perspectivas de Weeks (2001) e Foucault (2005), ao trazer para o campo da educação a urgência de reconhecer e lidar com a sexualidade infantil de forma aberta e educativa. Negar ou ignorar a sexualidade na infância, segundo Silva (2004), pode gerar distorções e dificuldades no desenvolvimento saudável da criança. A autora também dialoga com as Orientações da UNESCO (2013), que, ao propor diretrizes para a educação em sexualidade, reforça a necessidade de uma abordagem que promova o bem-estar, a

saúde e o respeito aos direitos humanos desde a tenra idade, reconhecendo a sexualidade como parte integral do desenvolvimento humano.

8.2.1 A Sexualidade como Construção Histórica e Social

A compreensão da sexualidade infantil, longe de ser uma questão meramente biológica ou instintiva, emerge como um campo complexo e multifacetado, profundamente enraizado em construções históricas e sociais. Jeffrey Weeks (2001), em sua obra seminal *O corpo e a Sexualidade*, desafia a noção de uma sexualidade natural e imutável, argumentando que ela é, antes de tudo, uma formação cultural e histórica.

Para Weeks, a sexualidade não é uma essência inata a ser "descoberta" ou "libertada", mas sim um "regime da verdade" que se molda e se manifesta de maneiras diversas ao longo do tempo e em diferentes contextos culturais. Essa perspectiva é fundamental para desnaturalizar a sexualidade e, conseqüentemente, para compreendê-la como um terreno de disputas, negociações e atribuições de significado, inclusive no que tange à infância.

A ressonância entre as ideias de Weeks e as de Michel Foucault é notável. Foucault (2005), em sua *História da Sexualidade*, particularmente no volume *A Vontade de Saber*, argumenta que a sexualidade, tal como a concebemos hoje, não é uma entidade preexistente que a sociedade reprime, mas sim um "dispositivo" (Foucault, 2005) que emergiu e se consolidou no século XIX. Esse dispositivo é uma rede complexa de discursos, instituições, arquiteturas, regulamentos, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais e filantrópicas que visam gerenciar, categorizar e controlar a vida sexual dos indivíduos.

Foucault (2005) demonstra como a sexualidade foi categorizada, medicalizada e gerenciada por diversas instituições, como a medicina, a psiquiatria, a pedagogia e a família. Essa gestão teve um impacto direto na forma como a sexualidade infantil passou a ser concebida. Historicamente, a criança foi vista como um ser assexuado ou, quando sua sexualidade era reconhecida, era frequentemente patologizada ou silenciada.

O discurso sobre a sexualidade na infância, portanto, é menos sobre uma "verdade" intrínseca à criança e mais sobre as formas pelas quais a sociedade a produz, a normaliza e a disciplina através de seus saberes e práticas. A criança se

torna, assim, um objeto de saber e de intervenção, e sua sexualidade é enquadrada em categorias que servem aos interesses e às normas sociais vigentes. A desnaturalização da sexualidade, proposta por Weeks e Foucault, permite-nos questionar as verdades estabelecidas e abrir espaço para uma compreensão mais fluida e contextualizada das manifestações sexuais na infância.

8.2.2 O Corpo Educado e as Pedagogias da Sexualidade

A interface entre a construção social da sexualidade e o corpo, enquanto lócus privilegiado de experiências e aprendizagens, é aprofundada por Guacira Lopes Louro (2001). Em suas discussões sobre as "pedagogias da sexualidade", Louro enfatiza como o corpo é incessantemente educado e disciplinado para se enquadrar em normas sexuais socialmente construídas. Essas pedagogias não se restringem a aulas formais de educação sexual; elas permeiam o cotidiano, as interações, os discursos e as práticas institucionais, atuando de maneira sutil e, por vezes, imperceptível.

Louro (2001) argumenta que as instituições sociais, e de forma proeminente a escola, funcionam como verdadeiras pedagogias culturais. Elas moldam a forma como os sujeitos, desde a mais tenra infância, experimentam, compreendem e expressam sua sexualidade. Isso se manifesta na forma como os espaços são organizados, nas brincadeiras permitidas ou proibidas, nas roupas consideradas adequadas para meninos e meninas, nos elogios e repreensões, e até mesmo na linguagem utilizada para se referir ao corpo e às relações. A escola, nesse sentido, não é um ambiente neutro, mas um local onde se reproduzem e se reforçam normas de gênero e sexualidade, muitas vezes de forma velada.

A ideia de que a sexualidade é ensinada e aprendida, e não apenas inata, é um pilar para a compreensão das dinâmicas sociais e educacionais que permeiam a infância (LOURO, 2001). Se a sexualidade é construída, isso implica que ela pode ser desconstruída e reconstruída, abrindo possibilidades para uma educação mais libertadora e menos normativa.

As pedagogias da sexualidade, ao invés de serem vistas apenas como mecanismos de controle, podem ser ressignificadas como ferramentas para promover a reflexão crítica, o respeito à diversidade e o desenvolvimento de uma sexualidade saudável e autônoma desde a infância. A compreensão de como essas

pedagogias operam é crucial para que educadores e pais possam intervir de forma consciente, promovendo ambientes mais inclusivos e menos repressivos.

8.2.3 Desenvolvimento Sociocultural da Sexualidade na Perspectiva Vygotskiana

Apesar de Lev S. Vygotsky (1998, 2000, 2001) não ter se dedicado especificamente ao estudo da sexualidade, sua perspectiva histórico-cultural oferece um arcabouço teórico robusto para compreender o desenvolvimento humano em sua totalidade, incluindo a sexualidade como um de seus aspectos.

Vygotsky (1998) afirma que o desenvolvimento não é um processo puramente biológico ou inato, mas é fundamentalmente mediado pelas interações sociais e pela cultura. As funções psicológicas superiores, como o pensamento, a linguagem e a percepção, são construídas a partir da internalização de experiências sociais e da apropriação de instrumentos culturais.

Sob essa ótica, a sexualidade, enquanto dimensão do desenvolvimento humano, seria intrinsecamente moldada pelas interações da criança com seu ambiente social e cultural. A forma como a criança percebe, compreende e expressa sua sexualidade não é um processo isolado, mas é influenciado pelos discursos, valores, normas e práticas presentes em seu meio.

A linguagem, para Vygotsky (2000, 2001), desempenha um papel central nesse processo, pois permite à criança significar e simbolizar suas experiências, incluindo aquelas relacionadas ao corpo, aos afetos e às relações. É através da linguagem que a criança internaliza conceitos, constrói narrativas sobre si e sobre o outro, e negocia os significados atribuídos à sexualidade em seu contexto social.

Assim, a forma como a criança percebe e expressa sua sexualidade é intrinsecamente ligada aos contextos sociais e simbólicos em que está inserida. Um ambiente que permite a livre exploração do corpo, que oferece informações adequadas à idade, que valoriza a diversidade e que promove o diálogo aberto sobre sexualidade, contribuirá para um desenvolvimento mais saudável e integrado.

Por outro lado, um ambiente repressivo, que silencia ou patologiza as manifestações sexuais infantis, pode gerar distorções e dificuldades na construção da identidade e da subjetividade da criança. A teoria Vygotskiana nos convida a olhar para a sexualidade infantil não como um fenômeno isolado, mas como um processo dinâmico e interativo, construído no tecido das relações sociais e culturais.

8.2.4 A Sexualidade na Infância como Processo Contínuo

A complexidade da sexualidade infantil é ainda mais acentuada pela perspectiva de que ela é um processo contínuo, que se manifesta desde os primeiros anos de vida, desafiando a noção de que a sexualidade emerge apenas na puberdade. Maria Cecília Pereira da Silva (2004), em sua obra *Sexualidade começa na Infância*, é uma voz importante nesse debate.

A autora desmistifica a ideia de que as crianças são seres assexuados, enfatizando que elas exploram seus corpos, expressam afetos e estabelecem relações que são, em sua essência, manifestações de sua sexualidade (SILVA, 2004). Essa exploração se dá através do toque, da curiosidade sobre as diferenças corporais, das brincadeiras de papéis e das primeiras expressões de afeto e carinho.

A abordagem de Silva (2004) complementa e fortalece as perspectivas de Weeks (2001) e Foucault (2005) ao transpor essas reflexões para o campo prático da educação. Ela ressalta a urgência em reconhecer e lidar com a sexualidade infantil de forma aberta, educativa e desprovida de tabus. Negar ou ignorar a sexualidade na infância, segundo Silva (2004), não a faz desaparecer, pelo contrário, pode gerar distorções, medos, culpas e dificuldades no desenvolvimento saudável da criança, impactando sua autoimagem, suas relações interpessoais e sua capacidade de lidar com sua própria sexualidade na vida adulta.

Essa visão dialoga diretamente com as Orientações da UNESCO (2013), que, ao propor diretrizes técnicas para a educação em sexualidade no cenário brasileiro, reforça a necessidade de uma abordagem abrangente e positiva. A UNESCO (2013) preconiza que a educação em sexualidade deve ir além da prevenção de doenças e abusos, promovendo o bem-estar, a saúde, o respeito aos direitos humanos, a equidade de gênero e a valorização da diversidade desde a tenra idade.

Reconhecer a sexualidade como parte integral do desenvolvimento humano implica em oferecer às crianças informações adequadas à sua faixa etária, em um ambiente seguro e acolhedor, onde possam expressar suas curiosidades e sentimentos sem julgamento. As diretrizes da UNESCO (2013) enfatizam a importância de uma educação que capacite as crianças a fazerem escolhas informadas, a desenvolver relacionamentos saudáveis e a proteger-se de situações de risco, sempre com base no respeito e na autonomia.

8.3 Articulação entre Referenciais Teóricos e os Achados da Pesquisa

Os achados da pesquisa, que analisou 4 teses e 28 dissertações sobre sexualidade infantil no período de 2008 a 2018, conforme apresentado na seção anterior deste trabalho, revelaram uma realidade preocupante: a maioria das pesquisas apresentou pouca relação explícita com a sexualidade infantil, muitas vezes abordando o tema de forma superficial ou, em alguns casos, evitando-o completamente. Essa lacuna, que se manifesta na academia, pode ser profundamente compreendida e contextualizada sob a lente das discussões teóricas apresentadas anteriormente.

8.3.1 O Silenciamento da Sexualidade Infantil e o Dispositivo Foucaultiano

A pouca relação sobre a sexualidade infantil, identificada nos estudos, corrobora de forma contundente com a perspectiva de Michel Foucault (2005) sobre o "dispositivo da sexualidade". Foucault argumenta que a sociedade, ao longo da história, não apenas reprimiu a sexualidade, mas, paradoxalmente, a produziu e a gerenciou através de uma intrincada rede de discursos, saberes e instituições. No que tange à infância, esse dispositivo operou de modo a silenciar ou normalizar a sexualidade, tornando-a um tema tabu, restrito a contextos específicos (como o médico ou o jurídico, geralmente associado à patologia ou ao abuso) e, muitas vezes, invisibilizado no cotidiano.

A ausência de aprofundamento ou a abordagem superficial do tema nas pesquisas analisadas, portanto, não é um mero acaso ou uma falha metodológica isolada. Pelo contrário, pode ser interpretada como um reflexo direto da dificuldade social em lidar abertamente com a sexualidade das crianças. Essa dificuldade é um resultado direto do funcionamento desse dispositivo de poder-saber (FOUCAULT, 2005), que historicamente construiu a criança como um ser assexuado ou, no máximo, como um ser cuja sexualidade só se manifestaria plenamente na puberdade.

Ao evitar o tema ou tratá-lo com superficialidade, a própria academia, por vezes, reproduz e reforça os mecanismos de controle e normalização que Foucault tão bem descreveu. A pesquisa, ao invés de desvelar e problematizar essa dimensão da infância acaba por perpetuar o silêncio, contribuindo para a

manutenção de um *status quo* que invisibiliza as manifestações sexuais infantis e as necessidades de uma educação mais abrangente e libertadora.

8.3.2 Pedagogias da Sexualidade e a Abordagem Higienista

A análise das dissertações e teses também sugeriu que, quando a sexualidade era abordada, frequentemente o era de forma higienista, medicalizada ou com foco exclusivo na prevenção de abusos. Essa abordagem restritiva negligencia a sexualidade como parte integrante do desenvolvimento e da formação humana em sua plenitude. Essa tendência dialoga diretamente com as "pedagogias da sexualidade" discutidas por Guacira Lopes Louro (2001). Louro argumenta que as instituições educacionais, muitas vezes, reproduzem discursos que controlam e normatizam o corpo e a sexualidade, em vez de promover uma compreensão mais ampla e positiva do tema.

A ênfase na prevenção de abusos, embora crucial e necessária, quando desvinculada de uma compreensão mais holística da sexualidade infantil, pode reforçar a ideia de que a sexualidade é inerentemente perigosa ou problemática. Essa visão higienista e medicalizada, presente nos achados da pesquisa, reflete uma pedagogia que prioriza o controle e a patologização em detrimento da valorização da sexualidade como uma dimensão saudável e natural do ser criança. A falta de uma discussão conceitual aprofundada nas pesquisas analisadas, como notado pela banca, demonstra a necessidade premente de que os pesquisadores se apropriem mais intensamente de referenciais teóricos que desconstruam essas visões limitadas.

Autores como Louro (2001) e Weeks (2001) são fundamentais nesse processo, pois apontam para a construção social e histórica da sexualidade, permitindo uma análise mais crítica das formas como ela é concebida e tratada na educação e na pesquisa. A adoção de tais referenciais poderia levar a estudos que explorem a sexualidade infantil em suas múltiplas facetas, incluindo o prazer, a auto exploração, a construção da identidade e a expressão de afetos, indo além da mera prevenção de riscos.

8.3.3 A Lacuna do Desenvolvimento Integral: reflexões a partir de Silva e UNESCO

A ausência de uma abordagem mais integrada e desenvolvimentista da sexualidade infantil nos estudos analisados, conforme os achados da pesquisa, também pode ser contextualizada pela falta de um diálogo mais efetivo com autores como Maria Cecília Pereira da Silva (2004) e as Orientações da UNESCO (2013). Se a sexualidade, como defende Silva (2004), "começa na infância" e é parte intrínseca do desenvolvimento integral do ser humano, as pesquisas deveriam refletir essa complexidade. Isso implicaria em explorar as manifestações da sexualidade em diferentes fases da infância, desde os primeiros anos de vida, e analisar os impactos das interações sociais, familiares e educacionais sobre essa dimensão.

A análise do conteúdo das teses e dissertações revelou uma lacuna significativa em pesquisas que explorem a sexualidade infantil sob uma perspectiva que não se limite à prevenção de riscos ou à identificação de problemas. Essa constatação sinaliza a necessidade urgente de um aprofundamento em abordagens como a de Silva (2004), que valoriza a sexualidade como uma dimensão inerente ao ser criança, presente em suas brincadeiras, curiosidades e expressões afetivas.

As Orientações da UNESCO (2013) reforçam essa necessidade, ao propor uma educação em sexualidade que promova o bem-estar, a saúde e o respeito aos direitos humanos desde a tenra idade. A ausência de estudos que incorporem essa visão mais abrangente sugere que a pesquisa acadêmica ainda está aquém da compreensão da sexualidade infantil como um campo de positivities e potencialidades para o desenvolvimento saudável. A integração dessas perspectivas teóricas nos futuros estudos é crucial para preencher essa lacuna e oferecer subsídios para práticas pedagógicas mais alinhadas com as necessidades e direitos das crianças.

8.3.4 Distanciamento da Perspectiva Construtivista e Cultural

Além das lacunas já mencionadas, a escassez de pesquisas que explorem a sexualidade infantil a partir de uma perspectiva mais construtivista e cultural, considerando as interações e os processos de significação, sugere um distanciamento das valiosas contribuições de Lev S. Vygotsky (1998, 2000, 2001). As teses e dissertações analisadas, ao focar em aspectos mais pontuais e menos

contextualizados da sexualidade infantil, parecem não ter se beneficiado plenamente de uma lente Vygotskiana. Essa perspectiva seria fundamental para compreender como a sexualidade é construída nas interações sociais, mediada pela cultura e pela linguagem, e como as crianças internalizam os significados atribuídos a essa dimensão em seu ambiente.

O fato de os estudos demonstrarem pouca relação sobre a sexualidade infantil pode indicar que as ferramentas conceituais utilizadas pelos pesquisadores não foram suficientes para capturar as nuances da sexualidade como um fenômeno em constante construção. Para Vygotsky, o desenvolvimento é um processo dinâmico, no qual a criança, através da interação com o outro e com o meio cultural, constrói seus conhecimentos e significados. A sexualidade, nesse sentido, não seria uma "descoberta" isolada, mas um processo de significação que se dá nas relações, nas brincadeiras, nos discursos e nas práticas cotidianas.

A ausência de uma abordagem que contemple essa complexidade, permeada por significados e interações sociais, conforme preconizado por Vygotsky (1998, 2000, 2001), limita a profundidade da compreensão sobre a sexualidade infantil. Incorporar essa lente teórica permitiria que as pesquisas explorassem, por exemplo, como as crianças negociam e interpretam as normas de gênero, como a linguagem influencia sua compreensão do corpo e das emoções, e como as interações com pares e adultos moldam suas expressões de sexualidade.

8.3.5 Implicações para a Formação de Professores e a Prática Pedagógica

A análise dos achados da pesquisa, em diálogo com os referenciais teóricos, revela implicações significativas para a formação de professores e para a prática pedagógica na educação infantil. A superficialidade ou o silenciamento da sexualidade nas pesquisas acadêmicas refletem, em grande medida, a falta de preparo e de instrumentalização dos profissionais da educação para lidar com o tema em sala de aula. Se a academia, que deveria ser o lócus da produção de conhecimento aprofundado, demonstra essa lacuna, é compreensível que os educadores, no dia a dia, sintam-se despreparados ou desconfortáveis.

Louro (2001) ressalta que as "pedagogias da sexualidade" operam de forma contínua e, muitas vezes, inconsciente nas instituições educacionais. A ausência de uma formação sólida sobre sexualidade infantil, que vá além da mera prevenção de

abusos e contemple as dimensões do desenvolvimento, da construção social e cultural e do prazer, perpetua um ciclo vicioso. Professores que não tiveram acesso a discussões aprofundadas sobre o tema tendem a reproduzir os tabus e preconceitos da sociedade, silenciando as manifestações sexuais das crianças ou tratando-as de forma inadequada.

A perspectiva de Silva (2004) e as Orientações da UNESCO (2013) sublinham a urgência de uma educação em sexualidade que promova o bem-estar e o respeito aos direitos humanos desde a tenra idade. Para que isso se concretize, é fundamental que os cursos de formação inicial e continuada de professores incorporem de forma robusta e sistemática a discussão sobre sexualidade infantil, baseada em referenciais teóricos que desnaturalizem e despatologizem o tema. Isso implica em ir além da biologia e da reprodução, abordando a sexualidade como parte da identidade, do afeto, da diversidade e das relações humanas.

Além disso, a lente Vygotskiana (VYGOTSKY, 1998, 2000, 2001) aponta para a necessidade de os educadores compreenderem a sexualidade como um processo construído nas interações sociais e mediado pela cultura. Isso significa que a prática pedagógica deve ser sensível às manifestações da sexualidade das crianças, promovendo um ambiente de diálogo aberto, respeito e acolhimento.

Ao invés de reprimir as curiosidades ou as brincadeiras relacionadas ao corpo, os professores poderiam utilizá-las como oportunidades para a construção de conhecimentos e para o desenvolvimento de uma compreensão saudável e positiva da sexualidade. A formação docente, portanto, precisa capacitar os educadores a serem mediadores nesse processo, auxiliando as crianças a significarem suas experiências e a construir uma sexualidade autônoma e responsável.

8.3.6 Desafios e Perspectivas Futuras para a Pesquisa em Sexualidade Infantil

A análise aprofundada da literatura e dos achados da pesquisa revela que o campo da sexualidade infantil ainda enfrenta desafios consideráveis no âmbito acadêmico. A escassez de estudos, a superficialidade das abordagens e a prevalência de perspectivas higienistas ou medicalizadas indicam que há um longo caminho a ser percorrido para que a sexualidade na infância seja compreendida em sua complexidade e em suas múltiplas dimensões.

Um dos principais desafios reside na superação dos tabus e preconceitos que historicamente envolveram a sexualidade infantil. Como Foucault (2005) e Weeks (2001) demonstram, a sexualidade é um constructo social e cultural, e a forma como ela é percebida na infância é um reflexo das normas e valores de uma dada sociedade. Para que a pesquisa avance, é fundamental que os pesquisadores se desvinculem de visões essencialistas e adotem uma postura crítica e desnaturalizante, reconhecendo a sexualidade infantil como um fenômeno dinâmico e em constante construção.

Outro desafio importante é a necessidade de integrar diferentes referenciais teóricos. A articulação entre as perspectivas de Foucault, Weeks, Louro, Vygotsky, Silva e UNESCO, como proposta neste trabalho, demonstra a riqueza de uma abordagem interdisciplinar. Futuras pesquisas poderiam explorar ainda mais essas interconexões, investigando, por exemplo, como as políticas públicas e os currículos escolares (dispositivos foucaultianos) influenciam as "pedagogias da sexualidade" (LOURO) e, conseqüentemente, o desenvolvimento sociocultural da sexualidade infantil (VYGOTSKY).

Além disso, há uma necessidade premente de estudos que explorem as manifestações da sexualidade infantil em diferentes contextos e culturas, indo além da mera prevenção de riscos. Pesquisas qualitativas que deem voz às crianças, que observem suas brincadeiras e interações, e que analisem os discursos presentes em seus ambientes, poderiam oferecer *insights* valiosos sobre como a sexualidade é vivida e significada na infância. A abordagem de Silva (2004), que valoriza a sexualidade como dimensão inerente ao ser criança, deveria ser um ponto de partida para estudos que investiguem as formas positivas e saudáveis de expressão da sexualidade infantil.

A formação de pesquisadores também se apresenta como um desafio. É fundamental que os programas de pós-graduação em educação e áreas afins ofereçam disciplinas e orientações que capacitem os futuros pesquisadores a abordarem a sexualidade infantil com rigor teórico, sensibilidade ética e uma perspectiva crítica. Isso inclui o domínio de diferentes abordagens metodológicas que permitam capturar a complexidade do fenômeno, como a pesquisa-ação, a etnografia e a análise de discurso.

Por fim, as perspectivas futuras para a pesquisa em sexualidade infantil apontam para a necessidade de uma maior articulação entre a academia e a prática

pedagógica. Os achados da pesquisa devem informar a elaboração de políticas públicas, a revisão de currículos e a formação de professores, de modo a garantir que as crianças tenham acesso a uma educação em sexualidade que promova seu bem-estar, sua autonomia e seu respeito aos direitos humanos. A pesquisa, nesse sentido, não deve ser um fim em si mesma, mas uma ferramenta para a transformação social e para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva, onde a sexualidade infantil seja reconhecida, respeitada e celebrada em sua plenitude.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A jornada de pesquisa para esta dissertação, especialmente no Capítulo II, revelou-se um desafio contínuo de articulação entre o rigor teórico e a complexidade dos achados empíricos. A busca por aprofundar a escrita exigiu não apenas a descrição dos dados, mas sua constante interpretação à luz dos referenciais teóricos, tecendo uma análise que integra a teoria como lente para a compreensão da realidade e os dados como ilustrações ou questionamentos das proposições estudadas.

O fortalecimento da articulação entre referenciais teóricos e achados foi central na revisão da seção de discussão e análise de resultados. Não nos limitamos a apresentar os achados de forma isolada, mas os interpretamos em diálogo direto com as teorias de Vygotsky, Freud, Louro, Foucault e outros. Por exemplo, ao identificar que as pesquisas sobre sexualidade infantil são escassas e frequentemente focam na diversidade de gênero, interpretamos isso sob a lente das contribuições de Freud (1905) sobre a negligência da sexualidade na infância, e das análises de Foucault (2005) sobre a biopolítica da sexualidade, que historicamente tem sido regulada e normalizada, afastando-se da sua dimensão intrínseca ao desenvolvimento humano.

A resistência em nomear a sexualidade nos documentos curriculares e nas práticas docentes foi discutida como reflexo das "pedagogias da sexualidade" que Louro (2001) problematiza, demonstrando como as instituições educacionais reproduzem e naturalizam padrões de gênero e sexualidade.

A fundamentação teórica e a discussão conceitual buscaram ir além de uma apresentação sequencial dos autores. Propusemos um "diálogo" entre os teóricos, explorando convergências e divergências. Por exemplo, a compreensão de Vygotsky (2000, 2001) sobre a formação social da mente e a importância da mediação para a construção de conceitos científicos foi consistentemente relacionada à necessidade de a instituição de educação infantil atuar como mediadora na compreensão da sexualidade pelas crianças. Essa perspectiva se contrapõe, em certa medida, à visão mais determinista das fases psicosssexuais de Freud (1905), embora reconheçamos a importância de Freud como o primeiro a dar visibilidade à sexualidade infantil.

O desafio de conciliar essas perspectivas foi abordado ao discutir como a sexualidade é ao mesmo tempo inerente (FREUD) e socioculturalmente construída (VYGOTSKY, LOURO, FOUCAULT), exigindo uma abordagem pedagógica que considere ambas as dimensões.

A dificuldade dos professores em lidar com as manifestações da sexualidade infantil, revelada nos achados da pesquisa, foi analisada à luz da crítica de Britzman (1996) de como o conhecimento de sala de aula sobre sexualidade é "banalizado" e contestado. A delegação da abordagem da sexualidade à "observação e sensibilidade do professor" no RCNEI (BRASIL, 1998) foi interpretada como uma forma de individualização da responsabilidade, que se alinha com as análises de Foucault (1987) sobre as práticas disciplinares que moldam os corpos e os comportamentos, em vez de promover uma discussão institucionalizada e sistemática do tema.

O trabalho com a sexualidade na educação infantil evidencia que as trajetórias profissionais e pessoais dos professores são determinantes, permeando não apenas os espaços explícitos de discussão, mas todos os ambientes pelos quais esses agentes transitam. A relevância desses documentos e seus impactos nas práticas pedagógicas, assim como a lacuna na formação docente, foram consistentemente analisados à luz dessas compreensões teóricas.

Esta dissertação não tem a pretensão de encerrar o debate sobre a sexualidade infantil, mas sim de contribuir para um repensar sobre o tratamento dado a ela nos currículos e no ambiente escolar. É inadmissível que, em pleno século XXI, ainda persistam atitudes discriminatórias e a delimitação de papéis de gênero. Como Castro (2010) ressalta, o respeito às diferenças e a eliminação de preconceitos são desafios centrais para a escola e para o arranjo curricular.

Reconhecemos a complexidade do tema, historicamente alvo de tabus e preconceitos. As perspectivas aqui assumidas se configuram como um olhar dentre tantos outros possíveis, buscando ampliar o conhecimento sobre as manifestações da sexualidade infantil. Esperamos, com este trabalho, contribuir para a justificação da necessidade de mais pesquisas na área da Educação Infantil e nos estudos sobre gênero e sexualidade com foco nessa etapa crucial do desenvolvimento humano.

REFERÊNCIAS

ALVES, Nancy Nonato de Lima. **Coordenação pedagógica na educação infantil: trabalho e identidade profissional na rede municipal de ensino de Goiânia**. 2007. 312 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Goiás, 2007. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tede/1171/1/Tese%20Nancy%20%20Alves.pdf>. Acesso em: mar. 2021.

BARBOSA, Ivone Garcia; SILVEIRA, Telma Aparecida Teles Martins; SOARES, Marcos Antônio. A BNCC da Educação Infantil e suas contradições: regulação versus autonomia. **Revista Retratos da Escola**, Brasília, v. 13, n. 25, p. 77-90, jan./maio, 2020.

BARBOSA, Ivone Garcia; SOARES, Marcos Antônio. Políticas públicas, educação e protagonismo infantil: defesas e conquistas de direitos das crianças. In: BARBOSA, Ivone Garcia; SOARES, Marcos Antônio (Orgs.). **Por uma luta sem fronteira na defesa dos direitos das crianças: políticas públicas e participação** [livro eletrônico]. Goiânia: Editora Vieira, 2019. Disponível em: www.pucgoias.edu.br/ArquivisWordpress/LUSO/EBOOKvolume-4.pdf.

BARBOSA, Ivone Garcia; SOARES, Marcos Antônio. Educação infantil e pobreza infantil em tempos de pandemia no Brasil: existirá um “novo normal”? **Zero-a-Seis**, Florianópolis, v. 23, n. Especial, p. 35-57, jan./jan., 2021. Universidade Federal de Santa Catarina. ISSN 1980-4512. DOI: <https://doi.org/10.5007/1980-4512.2021.e79044>. Acesso em: fev. 2021.

BORGES, Rita de Cássia Vieira. **Educação em sexualidade, sexualidade e gênero: desafios para professoras(es) do Ensino Infantil**. 2017. 188 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2017. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/149945/borges_rcv_me_arafcl.pdf?sequence=3&isAllowed=y. Acesso: 21 jan. 2020.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Congresso Nacional, 1988.

BRASIL. **Decreto n. 99.710, de 21 de novembro de 1990**. Promulga a Convenção sobre os Direitos da Criança. Brasília: Casa Civil, 1990.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Dispõe das Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: Congresso Nacional, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação e Desporto. **Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil**. Brasília: MEC, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação CEB 1/99, Brasília: MEC, 1999. c

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei nº 010172 de 09 de Janeiro de 2001**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/L10172.pdf>. Acesso em: 09 de out. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. ProInfantil - **Programa de Formação Inicial para Professores em Exercício na Educação Infantil**: guia geral. Brasília: MEC/SEB, 2005.

BRASIL. Ministério da Educação. **Programa de Formação de Professores de Educação Infantil** – Proinfantil. Karina Rizek Lopes (Org.); Roseane Pereira Mendes; Vitória Líbia Barreto de Faria. BRASILIA/MEC/SEB/SEED, 2005.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Parâmetros nacionais de qualidade para a educação infantil**. Brasília: MEC, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei n. 11.274, de 6 de fevereiro de 2006**. Altera a redação dos arts. 29, 30, 32 e 87 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, dispondo sobre a duração de 9 (nove) anos para o ensino fundamental, com matrícula obrigatória a partir dos 6 (seis) anos de idade. Brasília: MEC, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. **Resolução CNE/CEB nº 5/2009**. Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília: MEC, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf. Acesso em: 01 abr. 2020.

BRITZMAN, Déborah. O que é essa coisa chamada amor: identidade homossexual, educação e currículo. **Educação & Realidade**, v. 21, n. 1, jan./jun., 1996. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71644>. Acesso em: 12 jan. 2020.

BRITZMAN, Déborah. Curiosidade, sexualidade e currículo. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

BUTLER, Judith. "Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do 'sexo'". In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Trad. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p. 151-172.

CAMPOS, Maria Malta Campos; ROSEMBERG, Fúlvia. **Critérios para um atendimento em creches que respeite os direitos fundamentais das crianças**. Brasília: MEC, SEB, 1995.

CÉSAR, Maria Rita de Assis. Gênero, sexualidade e educação: notas para uma "Epistemologia". **Educar em Revista**, Curitiba, n. 35, p. 37-51, 2009.

CERISARA, Ana Beatriz. "O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil no contexto das reformas". **Educação e Sociedade**, v. 23, n. 80, 2002. Campinas: Cedes, pp. 326-345.

FARIA, Ana Lúcia Goulart; PALHARES, Marina Silveira (Orgs.). **Educação infantil pós-LDB: rumos e desafios**. Campinas: Autores Associados, 1999.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, Vozes, 1987. 288p.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

GUIZZO, Bianca Salazar; FELIPE, Jane. **Avanços e retrocessos em políticas públicas contemporâneas relacionadas a gênero e sexualidade: relações com a educação**. 2015. Disponível em: <http://37reuniao.anped.org.br/wpcontent/uploads/2015/02/Trabalho-GT233858.pdf>. Acesso em: 27 jan. 2021.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Uma perspectiva pós estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. Sexualidade: lições da escola. In: MEYER, Dagmar E. E. **Saúde e sexualidade na escola**. Porto Alegre, Mediação, 1998.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado - Pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

LOURO, Guacira Lopes. **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação: das afinidades políticas às tensões teórico metodológicas. **Educação em Revista**. Belo Horizonte. n. 46. p. 201-218. dez. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/edur/n46/a08n46.pdf>. Acesso em: 24 nov. 2020.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

NUNES, César; SILVA, Edna. **A educação sexual da criança: subsídios teóricos e propostas práticas para uma abordagem da sexualidade para além da transversalidade**. Campinas: Autores Associados, 2000.

OLIVEIRA, Maria Fernanda Celli de. **Trajatória social e sexualidade: a estruturação da identidade de gênero na educação infantil**. 2017. 79 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/149966>. Acesso em: 21 jan. 2020.

OLIVEIRA FILHO, João Batista de. **Pedagogia dos corpos: gênero e sexualidade em dois CMEI's da cidade do Natal - RN.** 2017. 131 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/24266>. Acesso em: 21 jan. 2020.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Saúde sexual, direitos humanos e a lei.** Porto Alegre: UFRGS, 2020. Disponível em: <https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/175556/9786586232363-por.pdf>. Acesso em: abr. 2021.

SILVA, Francisca Jocineide da Costa e. **Análise da produção científica brasileira sobre relações de gênero na educação infantil.** 2015. 90 f. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal da Paraíba. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/8523?locale=pt_BR. Acesso em: ago. 2019.

SILVA, Maria Cécilia Pereira da. **Sexualidade começa na infância.** São Paulo: Casa do psicólogo, 2004.

SILVA, Maurício Roberto. Exercícios de ser criança: o corpo em movimento na educação infantil. In: ARROYO, Miguel; SILVA, Maurício Roberto (Orgs.). **Corpo-infância: exercícios tensos de ser criança, por outras pedagogias dos corpos.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

UNESCO. **Orientações técnicas de educação em sexualidade para o cenário brasileiro: tópicos e objetivos de aprendizagem.** Brasília, 2013.

VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VYGOTSKY, Lev S. **A construção do pensamento e da linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 2000.

VYGOTSKY, Lev S. **Pensamento e linguagem.** São Paulo: Editora Martins Fontes, 2001.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado - Pedagogias da sexualidade.** Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

ZANETTE, Jaime Eduardo. **Coordenação pedagógica na educação infantil: elaboração de uma rede (in)formativa sobre gênero e sexualidade.** 2018. 140 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=7191344. Acesso em: 21 nov. 2019.

APÊNDICE

APÊNDICE A – Produto educacional



PRODUTO EDUCACIONAL

GUIA PRÁTICO

ABORDANDO A SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL DE FORMA INCLUSIVA



**Valdenir Castro Bezerra
Dr. Eduardo José Cezari**

**Valdenir Castro Bezerra
Dr. Eduardo José Cezari**

PRODUTO EDUCACIONAL

GUIA PRÁTICO

**ABORDANDO A SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO
INFANTIL DE FORMA INCLUSIVA**

Valdenir Castro Bezerra
Produção

Dr. Eduardo José Cezari
Orientação

Palmas/TO 2024

DESCRIÇÃO DO PRODUTO

Este documento apresenta a descrição detalhada do Produto Educacional “Guia Prático: Abordando a Sexualidade na Educação Infantil de Forma Inclusiva”, desenvolvido no âmbito de uma pesquisa de mestrado, no Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação (PPPGE), ofertado pela Universidade Federal do Tocantins (UFT).

Nome do Produto: Guia Prático: Abordando a Sexualidade na Educação Infantil de Forma Inclusiva.

Tipo de Produto: Resultado de pesquisa de mestrado.

Propósito Principal: Apresentar subsídios teóricos e práticos para promover diálogos construtivos e intencionais sobre a sexualidade infantil, com foco em auxiliar professores e apresentar como o tema tem sido abordado em teses e dissertações da BDTD.

Conteúdo: Apresenta uma breve introdução sobre sexualidade infantil. O texto completo e aprofundado está disponível na dissertação intitulada “Sexualidade na Educação Infantil: Análise do Silenciamento Curricular em Teses e Dissertações Brasileiras”.

Área de Conhecimento: Ensino.

Público-alvo: Professores que buscam conhecer e compreender sobre o tema da sexualidade infantil.

Finalidade:

- Compreender as manifestações da sexualidade na infância;
- Conhecer como os currículos da educação infantil têm abordado a temática da sexualidade a partir das produções científicas;
- Entender a sexualidade infantil enquanto uma manifestação do desenvolvimento humano e um campo de pesquisa educacional.

Instituição de Registro/Ano: Universidade Federal do Tocantins – UFT - Campus Palmas, 2025.

Avaliação do Produto: Será avaliado por 03 (três) professores doutores que irão compor a banca de defesa da dissertação.

Disponibilidade: Irrestrita, com ressalva de preservação dos direitos autorais e proibição de uso comercial por terceiros.

Formato de Divulgação: Digital.

URL:

Idioma: Português (Brasil)

Local de Origem: Palmas/Tocantins, Brasil.

Ano de Publicação: 2025.

AUTORES

Ma. Valdenir Castro Bezerra

Mestra pelo Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação/PPPGE – UFT Campus Palmas; Especialista em Educação Infantil – UFT, (2015); Especialista em Supervisão e Orientação Educacional – ITOP, (2012); Graduada em Pedagogia – UNITINS, (2011). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2445219488489549>

Dr. Eduardo José Cezari

Doutor em Educação em Ciências e Matemática – UFMT/REAMEC (2014); Mestre em Ciências do Ambiente - UFT (2010), Especialista em Docência do Ensino Superior - FALBE (2008); Graduado em Ciências Biológicas – CEULP/ULBRA (2006); Professor Adjunto da Universidade Federal do Tocantins, no curso de Pedagogia – Palmas; Professor Pesquisador no Curso de Ciências Biológicas – EAD – UFT; Professor do Programa de Pós-graduação Profissional em Educação – UFT; Atualmente é Pró-reitor de Graduação da UFT. Áreas de atuação: Integração Curricular, Gestão do Ensino Superior e Formação de Professores para a Educação em Ciência. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9080401095275240>

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	09
INTRODUÇÃO	12
1. Conceituando sexualidade	14
2 Contribuições Teóricas para a Compreensão da Sexualidade Infantil	16
2.1 Psicanálise Freudiana e as Fases do Desenvolvimento Psicosexual	17
2.2 Teoria Sociocultural de Vygotsky e a Construção do Conhecimento sobre Sexualidade	19
2.3 Contribuições de Outras Teorias do Desenvolvimento	20
3 Desenvolvimento do Guia Prático	22
3.1 Público-alvo	24
3.2 Objetivos Operacionais para as Rodas de Conversa	25
3.3 Sugestões de Temas para Discussão sobre Sexualidade na Educação Infantil	25
3.3.1 Entendendo o Corpo e a Privacidade	26
3.3.2 Segurança e Prevenção de Abuso	27
3.4 Sugestão de Cronograma para Aplicação Metodológica	28
3.5 Estratégias Didáticas para as Rodas de Conversa	30
3.5.1 Atividades Interativas	31
4 Critérios de Avaliação das Rodas de Conversa	32
4.1 Critérios de Avaliação Quantitativos	33
4.2 Critérios de Avaliação Qualitativos	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
REFERÊNCIAS	37

APRESENTAÇÃO

Prezados educadores, este Guia é o resultado de uma pesquisa de Mestrado, desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-graduação Profissional em Educação (PPPGE) da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Seu propósito central é oferecer subsídios teóricos e práticos para a promoção de diálogos construtivos e intencionais sobre a sexualidade infantil, um tema de relevância incontestável no desenvolvimento humano e educacional.

Este guia foi concebido em profunda articulação com a dissertação "Sexualidade na Educação Infantil: Análise do Silenciamento Curricular em Teses e Dissertações Brasileiras". A pesquisa revelou a persistência de um silenciamento curricular acerca da sexualidade na Educação Infantil, evidenciando a urgência de ferramentas que capacitem profissionais e famílias a abordarem o tema de forma mais efetiva e inclusiva.

A fundamentação teórica que embasa este trabalho é robusta, ancorada em referenciais clássicos e contemporâneos da área da sexualidade, incluindo as contribuições de Figueiró (2006), Freud (1905), Louro (2001), Nunes (2005), Vygotsky (2000), entre outros. Essa base teórica visa proporcionar uma compreensão aprofundada das múltiplas dimensões da sexualidade humana e sua manifestação na infância.

A pesquisa demonstrou a urgente necessidade de uma educação sexual intencional e qualificada. Tal abordagem é crucial para munir nossas crianças com as ferramentas necessárias para compreender e lidar com as questões de sua sexualidade de forma saudável e segura.

Além disso, alinha-se aos preceitos do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, 1990), que salvaguarda os direitos de crianças e adolescentes, e aos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN, 2006), que defendem um ensino de qualidade, permeado pela transversalidade e pelo acesso ao conhecimento científico.

Reconhecemos que este guia prático, embora ofereça contribuições significativas e uma aproximação valiosa com o tema, representa um ponto de partida em um campo que exige contínua investigação e aprofundamento, dada a sua complexidade intrínseca e a sua centralidade no desenvolvimento humano.

Assim, não se trata de um manual prescritivo ou uma "receita" fechada sobre a sexualidade na educação infantil. Nosso objetivo é, antes, instigar reflexões e promover um espaço de diálogo para professores e demais interessados, que lhes permita construir suas próprias abordagens, adaptadas às suas realidades e contextos específicos.

Este material pode servir como alicerce para a concepção e implementação de rodas de conversa que, como recurso pedagógico, viabilizem um trabalho intencional sobre a sexualidade na educação infantil.

É fundamental ressaltar a importância da participação ativa da equipe escolar no processo de desenvolvimento e na seleção das temáticas a serem abordadas, garantindo a pertinência e a relevância das discussões. Rodas de conversa eficazes são espaços de troca de experiências e de construção coletiva de conhecimento, enriquecendo a compreensão de todos os envolvidos no campo da sexualidade.

INTRODUÇÃO

A sexualidade, em sua essência, é um conceito complexo e multifacetado, inerente à condição humana desde o nascimento até a morte. Contudo, sua abordagem, particularmente no universo infantil, frequentemente se depara com barreiras de receio, pudor e desinformação, que dificultam o diálogo aberto e necessário.

Para Bona Junior (2011), desvendar a importância das manifestações da sexualidade na infância é crucial para a edificação da personalidade adulta, configurando-se como o fundamento das preocupações com a educação sexual desde os primeiros anos de vida.

A contemporaneidade impõe um cenário onde a manifestação da sexualidade se revela cada vez mais precoce. A onipresença da mídia, das tecnologias digitais e da produção cultural, muitas vezes permeada por conteúdos erotizados, exerce influência significativa no comportamento das crianças e na sua percepção de si e do outro.

Essa exposição, aliada à curiosidade natural, às diferenças corporais percebidas e à descoberta das carícias, tem contribuído para a erotização precoce, transformando a sexualidade em um tabu, um assunto de adultos, que paradoxalmente, aguça a imaginação infantil.

No contexto escolar, a sexualidade das crianças se manifesta de forma rotineira, inserindo-se no cotidiano do desenvolvimento infantil. No entanto, sua complexidade frequentemente desafia os professores, que se veem diante de situações que demandam uma abordagem sensível e informada. A ausência de preparo por parte das famílias para dialogar sobre o tema, muitas vezes, transfere para a escola a responsabilidade de suprir essa lacuna.

Dessa forma, torna-se necessário compreender que a criança possui sexualidade e que a elucidação do seu verdadeiro significado é fundamental. É crucial desconstruir a visão reducionista que associa a sexualidade unicamente à genitalidade, e, em vez disso, apreendê-la em sua totalidade em um campo que abrange o pensamento, o sentimento, o corpo em sua integralidade, o olhar, o toque, a comunicação verbal e não verbal, a libido, a afetividade, as relações interpessoais e o amor. A sexualidade não se limita a uma representação social simplificada, mas se manifesta ao longo de toda a vida.

A constituição da sexualidade inicia-se no seio familiar, moldada por valores, pudores, conceitos e vivências interpessoais. Ignorar essa dimensão fundamental nos primeiros cinco anos de vida da criança seria negligenciar um aspecto vital do seu desenvolvimento humano.

Os primeiros anos são a base para a vida cognitiva, social e afetiva, e a vida sexual é parte intrínseca dessa dimensão afetiva. Portanto, uma compreensão aprofundada e uma abordagem adequada da sexualidade são indispensáveis para todos que atuam na educação e cuidado de crianças.

1. Conceituando sexualidade

A discussão sobre os conceitos de sexo, sexualidade, gênero e corpo é indispensável para a elucidação de nosso objeto de estudo. Frequentemente, esses termos são empregados de forma substituível, sem a necessária precisão conceitual. É comum a confusão entre sexo (referente ao atributo biológico) e sexualidade (que abarca uma dimensão muito mais ampla), ou entre gênero (um constructo social e cultural) e orientação sexual.

Essa imprecisão conceitual, aliada ao status de tabu que a sexualidade ainda mantém em nossa sociedade, demanda uma atenção especial e um debate aprofundado, iniciando-se pela delimitação conceitual.

A conceituação de sexualidade assume particular relevância na construção e apropriação dos conceitos pelas crianças, especialmente aqueles relacionados à sexualidade, gênero e ao corpo. Luria (1979) e Barbosa (1997) ressaltam que a formação de conceitos em crianças ocorre por meio de conexões e interações com sujeitos mais experientes, em um processo de mediação.

Nesse percurso de desenvolvimento e aprendizagem, as crianças buscam compreender o mundo por meio da exploração, da formulação de perguntas e da organização das informações. Inicialmente, elas recorrem a conceitos cotidianos e espontâneos, que gradualmente se transformam em conceitos mais elaborados e sistematizados.

Vygotsky (2000) enfatiza a importância de compreender o desenvolvimento e suas transformações sob a ótica da historicidade, enfatizando a necessidade de investigar a origem e a trajetória dos processos psicológicos. Para o autor, desenvolvimento e aprendizagem são inter-relacionados e possuem uma natureza sociocultural, com raízes biológicas, que se efetivam por meio da interação do sujeito com pessoas mais experientes.

Apesar dos avanços e das discussões mais aprofundadas sobre sexualidade e gênero na sociedade contemporânea, o tema da sexualidade infantil ainda se apresenta como um campo de complexa abordagem no século XXI. Essa dificuldade decorre, em grande parte, da visão arraigada de que discutir a sexualidade com crianças, em particular as da Educação Infantil, seria despertar ou estimular descobertas antes do tempo apropriado.

Essa perspectiva, por sua vez, alicerça-se na noção de que as crianças são seres ingênuos, inocentes e puros, enquanto a sexualidade é associada a algo pecaminoso ou impuro, pertencente exclusivamente ao universo adulto.

A sexualidade é um processo dinâmico, desenvolvido e construído nas relações e experiências afetivas da criança. Desde o nascimento, a percepção do mundo é predominantemente sensorial, mediada pelo corpo. O toque no banho, a amamentação, os carinhos e as trocas de olhares geram sensações de prazer, desenvolvendo a capacidade da criança de sentir e aprender, uma capacidade que a acompanhará ao longo de toda a sua existência.

Portanto, a compreensão da sexualidade infantil transcende o mero conhecimento do desenvolvimento biopsicossocial. É crucial associá-la ao

desenvolvimento emocional integral, à interação e mediação da criança com o seu ambiente, e à influência dos seus grupos de pertencimento.

Todos esses elementos exercem um impacto significativo na construção da sexualidade e da identidade de gênero. Nesse sentido, é inadmissível discutir a sexualidade humana isoladamente do meio em que o indivíduo está inserido.

2. Contribuições Teóricas para a Compreensão da Sexualidade Infantil

A compreensão da sexualidade infantil transcende a mera abordagem biológica, sendo um fenômeno complexo e multifacetado, intrinsecamente ligado ao desenvolvimento integral da criança. Para enriquecer a base teórica do Produto Educacional, foram exploradas as seguintes perspectivas, aprofundando o diálogo sobre a manifestação da sexualidade na infância e sua importância para a formação do indivíduo.

2.1 Psicanálise Freudiana e as Fases do Desenvolvimento Psicosexual

A teoria psicanalítica de Sigmund Freud (1905), especialmente em *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*, oferece uma lente fundamental para compreender a sexualidade desde a infância. Freud (1905) afirma que a sexualidade não se restringe à genitalidade adulta, mas manifesta-se desde o nascimento através de uma série de fases psicosexuais, cada uma com suas próprias zonas erógenas e desafios de desenvolvimento tais como:

Fase Oral (nascimento a 1 ano): A boca é a principal zona erógena. O prazer é derivado da sucção, alimentação e exploração oral do ambiente. Experiências de satisfação ou frustração nesta fase podem influenciar traços de personalidade futuros, como otimismo ou dependência.

Fase Anal (1 a 3 anos): O ânus se torna a zona erógena primária, associada ao controle da defecação. O prazer está ligado à retenção e expulsão das fezes. Esta fase é crucial para o desenvolvimento de controle, autonomia e, posteriormente, traços de personalidade relacionados à ordem, obstinação ou desorganização.

Fase Fálica (3 a 6 anos): Os órgãos genitais tornam-se o centro do prazer. Nesta fase, surgem os complexos de Édipo (para meninos) e Electra (para meninas), em que a criança desenvolve atrações pelo genitor do sexo oposto e rivalidade com o genitor do mesmo sexo. A resolução desses complexos é fundamental para a identificação com o papel de gênero e o desenvolvimento da moralidade (superego).

Período de Latência (6 anos à puberdade): Há diminuição do interesse sexual. A energia libidinal é sublimada e direcionada para atividades sociais, escolares e intelectuais. É um período de aquisição de habilidades e socialização.

Fase Genital (puberdade em diante): Com a maturação sexual, o interesse se volta para relações sexuais com outros indivíduos. A libido se organiza em torno da genitalidade, buscando a satisfação sexual madura.

É crucial entender que, para Freud, a sexualidade infantil, embora diferente da adulta, é a base para a sexualidade futura. As experiências e resoluções (ou não) dos conflitos em cada fase podem ter repercussões na personalidade adulta e nas relações.

A sexualidade infantil multifacetada, em que a criança busca prazer em diversas zonas do corpo, é um conceito freudiano que ressalta a natureza difusa e não exclusivamente genital da sexualidade na primeira infância. A repressão excessiva ou a negligência dessas manifestações podem, segundo a psicanálise, levar a neuroses e dificuldades emocionais na vida adulta.

2.2 Teoria Sociocultural de Vygotsky e a Construção do Conhecimento sobre Sexualidade

Lev Vygotsky (2000) enfatiza a importância das interações sociais e da cultura na formação dos processos psicológicos superiores. No contexto da sexualidade infantil, sua teoria sugere que o entendimento da criança sobre seu corpo, gênero, e as normas sociais relativas à sexualidade é mediado pelas interações com adultos e pares, e pela apropriação de ferramentas culturais, como a linguagem.

A Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) de Vygotsky é um conceito-chave. Nela, a criança, com a ajuda de um adulto ou de um par mais experiente (ou

outro mais capaz), consegue realizar tarefas e entender conceitos que ainda não seria capaz de fazer sozinha.

No que tange à sexualidade, isso significa que pais e educadores têm um papel fundamental em guiar a criança na construção de um entendimento saudável e adequado sobre o tema, oferecendo informações e criando espaços de diálogo em níveis que a criança possa assimilar.

A linguagem, como a principal ferramenta cultural, molda a forma como as crianças percebem e categorizam o mundo, incluindo questões de gênero e sexualidade. Portanto, o adequado vocabulário utilizado pelos adultos, ao abordar esses temas, é de suma importância para a formação dos conceitos da criança.

2.3 Contribuições de Outras Teorias do Desenvolvimento

Para uma compreensão mais abrangente da sexualidade infantil, é pertinente integrar perspectivas de outras teorias do desenvolvimento. A Teoria Cognitiva de Jean Piaget explica como as crianças constroem ativamente o conhecimento através da interação com o ambiente. Sua teoria dos estágios do desenvolvimento cognitivo (sensório-motor, pré-operatório, operatório concreto, operatório formal) é relevante para entender como a capacidade da criança de compreender conceitos complexos sobre sexualidade evolui com a idade.

Por exemplo, crianças no estágio pré-operatório (2-7 anos) pensam de forma mais egocêntrica e concreta, o que significa que explicações sobre sexualidade devem ser diretas, simples e focadas no que podem observar. Já crianças no estágio operatório concreto (7-11 anos) são capazes de um raciocínio mais lógico sobre o mundo físico, podendo assimilar informações mais concretas sobre o corpo e a reprodução.

Na Teoria Psicossocial de Erik Erikson, o autor expande a teoria freudiana, focando no desenvolvimento da identidade através de crises psicossociais ao longo da vida. As fases de Iniciativa vs. Culpa (3-5 anos) e Indústria vs. Inferioridade (6-11 anos) são particularmente relevantes. Na primeira, a criança começa a explorar o mundo e a si mesma, incluindo seu corpo e as diferenças sexuais; a forma como os adultos reagem a essa curiosidade pode gerar iniciativa ou culpa.

Na segunda, a criança desenvolve competências sociais e acadêmicas; uma autoimagem positiva, que inclui uma sexualidade saudável e contribui para sua sensação de indústria.

A Teoria da Aprendizagem Social, de Albert Bandura (2008), argumenta que grande parte do aprendizado ocorre através da observação e imitação de modelos. No contexto da sexualidade, as crianças aprendem observando o comportamento dos pais, cuidadores, colegas e personagens da mídia.

A forma como os adultos se relacionam, expressam afeto, falam sobre o corpo e o gênero, e lidam com situações relacionadas à sexualidade, serve de modelo para a criança. O reforço (positivo ou negativo) para certos comportamentos também molda a compreensão e a expressão da sexualidade infantil.

A junção dessas abordagens teóricas proporciona uma fundamentação robusta para o Produto Educacional, permitindo que educadores compreendam a sexualidade infantil em sua complexidade, e a abordem de forma informada, respeitosa e promotora de desenvolvimento saudável.

3. Desenvolvimento do Guia Prático

O processo de construção do Produto Educacional envolveu as seguintes etapas: partindo da pesquisa da dissertação, foram revisitadas e sintetizadas as principais abordagens teóricas sobre sexualidade infantil (Freud, Vygotsky, Piaget, Erikson, Bandura), bem como discussões sobre gênero, sexualidade e educação (Louro, Figueiró, Nunes).

A análise das produções científicas sobre sexualidade na educação infantil revelou a escassez de materiais práticos e acessíveis que pudessem subsidiar a ação de educadores e famílias. Essa lacuna foi o ponto de partida para a concepção deste Caderno.

Com base na revisão, foram estabelecidos os conceitos-chave de sexo, sexualidade, gênero e corpo, buscando desmistificar e clarificar esses termos para o público-alvo. O Guia foi construído sob a premissa de que a sexualidade é uma dimensão integral do ser humano, presente desde o nascimento e em constante desenvolvimento.

O material foi organizado em seções lógicas, iniciando com uma introdução geral sobre sexualidade infantil, seguida por aprofundamentos teóricos, considerações sobre a abordagem em contextos educacionais e, finalmente, sugestões de ações pedagógicas e temas para discussão. A intenção foi criar um fluxo de leitura que guiasse o leitor do conceitual ao prático.

As propostas de atividades foram concebidas para serem flexíveis e adaptáveis a diferentes contextos. Elas visam promover o diálogo, a reflexão e a construção de conhecimentos de forma lúdica e respeitosa, considerando as especificidades da educação infantil. Optou-se por um formato de guia para conferir um caráter prático. A linguagem utilizada buscou ser clara, acessível e convidativa, evitando jargões acadêmicos excessivos, mas mantendo o rigor conceitual.

3.1 Público-alvo

O público-alvo principal são professores da Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental, que atuam em contextos educacionais. O foco na Rede Municipal de Educação de Miracema do Tocantins reconhece as particularidades regionais, que podem incluir diferentes níveis socioeconômicos e formações educacionais. A linguagem e as sugestões de atividades foram pensadas para serem relevantes e aplicáveis a essa realidade, considerando que a cultura local pode influenciar a percepção e o diálogo sobre sexualidade.

A necessidade desse tipo de material foi constatada a partir da observação de que muitos educadores não recebem formação adequada sobre sexualidade durante sua graduação ou em cursos de aperfeiçoamento. A percepção de que muitas famílias se sentem despreparadas para abordar o tema com seus filhos, transferindo a responsabilidade para a escola. Conforme a dissertação, a ausência ou superficialidade do tema nos currículos escolares reflete uma necessidade de maior atenção e instrumentalização para o diálogo.

3.2 Objetivos Operacionais para as Rodas de Conversa

Os objetivos do Produto Educacional desdobram-se em objetivos operacionais específicos para a aplicação das Rodas de Conversa ou discussões, focando nos resultados práticos esperados para os professores:

Capacitar professores a reconhecer e compreender as diversas formas como a sexualidade se manifesta no ambiente escolar (curiosidade sobre o corpo, brincadeiras de papéis, afetos etc.).

Fornecer aos professores um repertório de vocabulário e técnicas pedagógicas para responder às perguntas das crianças sobre sexualidade de forma clara, honesta e idade apropriada, sem tabus ou moralismos.

Habilitar professores a criar e manter um ambiente de sala de aula seguro, acolhedor e respeitoso, onde as crianças se sintam à vontade para expressar suas dúvidas e sentimentos sobre o corpo, emoções e relacionamentos.

Incentivar os professores a incorporarem a educação sexual de forma transversal e contextualizada em suas práticas pedagógicas diárias, utilizando oportunidades espontâneas e intencionais.

3.3 Sugestões de Temas para Discussão sobre Sexualidade na Educação Infantil

Para auxiliar professores a abordarem a sexualidade infantil de forma sistemática e apropriada, propõe-se uma lista de temas que podem ser discutidos em Rodas de Conversa, adaptados para o contexto da Educação Infantil e o Ensino Fundamental. O objetivo é fornecer um roteiro flexível que contemple as diversas dimensões da sexualidade.

3.3.1 Entendendo o Corpo e a Privacidade

Ensinar às crianças os nomes corretos das partes do corpo, incluindo os órgãos genitais, de forma natural e sem conotações negativas.

Discutir a ideia de que algumas partes do corpo são privadas e só devem ser tocadas por si mesmo ou por adultos de confiança em situações específicas (higiene, saúde).

Ensinar as crianças sobre seu próprio espaço pessoal e o dos outros, a importância de pedir permissão para tocar e a respeitar o "não".

Orientar as crianças a diferenciarem toques que fazem sentir bem (carinho, abraço afetuoso) de toques que as fazem sentir desconfortáveis, assustadas ou confusas. Enfatizar a importância de sempre contar a um adulto de confiança se algo as incomodar.

Discutir em quais situações é apropriado estar nu (em casa, na hora do banho) e a importância de se vestir adequadamente em público.

3.3.2 Segurança e Prevenção de Abuso

Ensinar as crianças a identificarem adultos de confiança (pais, professores, avós) a quem podem recorrer quando se sentirem inseguras ou incomodadas.

Diferenciar segredos que são divertidos (surpresas de aniversário) de segredos que fazem mal (alguém pedindo para não contar sobre um toque ou uma situação que a deixou desconfortável). Enfatizar que segredos ruins devem sempre ser contados a um adulto de confiança.

Ensinar a criança a dizer não a qualquer toque ou situação que a incomode e a procurar ajuda imediatamente.

Promover a autonomia sobre o próprio corpo, ensinando que o corpo é dela e ninguém tem o direito de tocá-lo sem sua permissão, especialmente nas partes íntimas.

Esses temas, quando abordados com sensibilidade, clareza e respeito às particularidades de cada criança e família, contribuem significativamente para uma educação sexual saudável e preventiva, preparando as crianças para compreenderem o mundo e a si mesmas de forma mais segura e autônoma.

3.4 Sugestão de Cronograma para Aplicação Metodológica

A aplicação do Produto Educacional por meio de Rodas de Conversa demandará um cronograma estruturado, que pode ser adaptado à realidade de cada escola ou comunidade. A seguir, uma sugestão de cronograma de 4 meses para um ciclo de implementação

SUGESTÃO DE CRONOGRAMA PARA RODAS DE CONVERSA			
Fase	Mês/ Semana	Encontro/ Atividade	Descrição
Fase 1: Planejamento e Sensibilização	Mês 1 / Semana 1	Apresentação do Projeto à Direção Escolar	Reunião com a equipe gestora para apresentar o Produto Educacional, seus objetivos e a proposta das Rodas de Conversa. Obtenção do apoio institucional e logística.
	Mês 1 / Semana 1	Levantamento de Necessidades	Aplicação de um questionário inicial (anônimo) com professores e pais para identificar suas principais dúvidas e dificuldades em relação à sexualidade infantil.
	Mês 1 / Semana 2	Formação Inicial para o Mediador	Treinamento específico para o professor/mediador que conduzirá as Rodas de Conversa, aprofundando o conteúdo do Caderno e as técnicas de facilitação.
	Mês 1 / Semana 2	Elaboração de Materiais de Divulgação	Criação de convites, cartazes e comunicados claros e objetivos para convidar os professores, explicando a importância das Rodas.
	Mês 1 / Semana 3	Divulgação e Inscrições	Lançamento oficial do convite para as Rodas de Conversa nas escolas, com prazos para inscrição.
	Mês 1 / Semana 3	Preparação do Espaço	Organização do local de encontro (sala aconchegante, cadeiras em círculo, materiais

			de apoio).
	Mês 1/ Semana 4	Reunião de Alinhamento com a Equipe Pedagógica	Discussão com os professores da escola sobre as expectativas, possíveis resistências e formas de integrar o tema na rotina escolar.
Fase 2: Implementação das Rodas de Conversa	Mês 2	Encontro 1: Desmistificando a Sexualidade Infantil (Professores)	Discussão sobre as definições de sexo, sexualidade, gênero e corpo. Apresentação das teorias do desenvolvimento psicosssexual (Freud, Vygotsky, Piaget) e suas implicações para a prática pedagógica. Espaço para compartilhamento de experiências e dúvidas dos professores.
	Mês 2	Encontro 2: A Sexualidade no Cotidiano Escolar (Professores)	Discussão sobre as manifestações da sexualidade das crianças no ambiente escolar (brincadeiras, curiosidades, afetos). Estratégias didáticas para lidar com perguntas e situações relacionadas à sexualidade de forma adequada. Promoção de um ambiente inclusivo e respeitoso na sala de aula.
	Mês 3	Encontro 1: A Importância do Diálogo em Família (Pais e Responsáveis)	Discussão sobre o papel da família na educação sexual das crianças. Como iniciar e manter conversas sobre sexualidade em casa. Mitos e

			verdades sobre a sexualidade infantil.
	Mês 3	Encontro 2: Proteção e Limites na Sexualidade Infantil (Pais e Responsáveis)	Orientação sobre a importância de ensinar sobre privacidade e consentimento. Como identificar e prevenir o abuso sexual infantil. Canais de apoio e denúncia.
	Mês 4	Encontro 1: Compartilhando Experiências e Desafios (Integrado)	Roda de conversa conjunta com professores e pais/responsáveis para troca de experiências e superação de desafios. Discussão de casos práticos e construção coletiva de soluções.
	Mês 4	Encontro 2: Avaliação e Continuidade (Integrado)	Avaliação final do ciclo de Rodas de Conversa. Planejamento de ações futuras e continuidade do diálogo na comunidade escolar.
Fase 3: Avaliação e Sistematização	Ao longo do processo e após os encontros	Coleta contínua de feedback	Ao final de cada encontro.
	Ao longo do processo e após os encontros	Análise dos dados	Após o ciclo, para identificar impactos e necessidade de ajustes.

3.5 Estratégias Didáticas para as Rodas de Conversa

As Rodas de Conversa devem ser espaços dinâmicos, interativos e seguros, que promovam o diálogo e a construção coletiva de conhecimento. As estratégias didáticas devem ser variadas para atender aos diferentes estilos de aprendizagem e para manter o engajamento dos participantes.

O mediador deve praticar a escuta atenta, sem julgamentos, permitindo que todos se expressem.

Estimular a reflexão e o aprofundamento das discussões com perguntas que vão além de sim ou não.

Reconhecer e validar as emoções dos participantes, criando um ambiente de acolhimento.

Atuar na mediação de possíveis divergências de opiniões, buscando o respeito e a compreensão mútua.

Ao final de cada tema ou encontro, o mediador pode fazer uma breve síntese dos pontos discutidos para consolidar o aprendizado.

3.5.1 Atividades Interativas

- ✚ Iniciar as discussões com chuva de ideias sobre o que os participantes já sabem (ou pensam saber) sobre o tema.
- ✚ Apresentar situações-problema hipotéticas ou reais (anônimas) relacionadas à sexualidade infantil para que o grupo discuta e proponha soluções.
- ✚ Simular situações de diálogo entre pais e filhos ou professores e alunos, permitindo a prática de diferentes abordagens.
- ✚ Exibir pequenos vídeos, trechos de documentários ou reportagens para ilustrar os temas e provocar a discussão.
- ✚ Apresentar e discutir livros infantis, cartilhas ou outros materiais que abordam a sexualidade, avaliando sua adequação e potencial uso.
- ✚ Utilizar jogos, dinâmicas ou brincadeiras que ajudem a compreender a perspectiva da criança sobre o corpo e a sexualidade.
- ✚ Oferecer um espaço para que os participantes depositem perguntas que talvez se sintam envergonhados de fazer abertamente. As perguntas serão

lidas e discutidas pelo grupo.

Ao final de cada encontro ou ciclo, propor a criação de um mural de aprendizado, um glossário de termos ou um guia de dicas com as principais conclusões e aprendizados do grupo.

O Guia Prático (Produto Educacional) será o principal material de apoio, fornecendo base teórica e sugestões de temas, e indicação de livros e artigos para leituras complementares para os interessados em aprofundar seus conhecimentos.

4. Critérios de Avaliação das Rodas de Conversa

A avaliação é um componente essencial para verificar a eficácia do Produto Educacional e das Rodas de Conversa, permitindo ajustes e aprimoramentos. A avaliação será contínua e abrangente, utilizando critérios quantitativos e qualitativos.

4.1 Critérios de Avaliação Quantitativos

- ✚ Registro da presença nos encontros para verificar o engajamento do público-alvo.
- ✚ Aplicação de questionários anônimos antes do início das Rodas de Conversa e após a conclusão, para avaliar o quanto os participantes aprenderam sobre os conceitos de sexualidade, desenvolvimento infantil e estratégias de abordagem.
- ✚ Verificar se houve alteração na percepção dos participantes sobre a importância da educação sexual, sua segurança em abordar o tema e a desmistificação de tabus e mensurar o nível de conforto dos participantes em discutir sexualidade com crianças e outros adultos.



4.2 Critérios de Avaliação Qualitativos

- ✚ Coleta de feedback ao final de cada encontro e ao final do ciclo. Os participantes serão incentivados a expressar suas impressões em formato livre (escrito, áudio, desenho etc.), permitindo que se sintam mais à vontade para compartilhar suas ideias.

- ✚ Sugestões de perguntas para o feedback: O que você aprendeu de novo neste encontro? O que mais te marcou ou surpreendeu? Que dificuldades você ainda sente? O que você sugere para os próximos encontros?
- ✚ Criação de um mural físico ou digital para exibir os comentários dos participantes, valorizando suas contribuições e mostrando o impacto das rodas de conversas.
- ✚ O mediador registrará suas percepções sobre a observação da participação ativa, questionamentos e compartilhamento de experiências.
- ✚ Avaliar a progressão na capacidade dos participantes de discutir o tema de forma mais aberta e menos preconceituosa.
- ✚ Observar se novas questões ou preocupações surgiram no decorrer das discussões.
- ✚ Realização de grupos focais com uma amostra de professores para aprofundar a compreensão sobre os impactos das Rodas de Conversa em suas práticas e percepções.

É fundamental que a equipe avaliada esteja aberta a feedback negativo, pois ele oferece oportunidades valiosas para ajustes e aprimoramento contínuo do Produto e da metodologia de aplicação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo destaca que uma educação eficaz e abrangente sobre sexualidade infantil é crucial para o desenvolvimento integral e a proteção das crianças.

A superação das contradições e dos desafios existentes exige orientações mais claras nos currículos nacionais e, fundamentalmente, uma ênfase mais forte na preparação dos educadores através da educação inicial e contínua. Sem isso, a implementação da educação sexual integral continuará a depender de iniciativas individuais, perpetuando o silêncio e deixando as crianças vulneráveis.

A aplicação rigorosa da análise de conteúdo, conforme proposta por Bardin (2011, 2016), permitiu uma compreensão mais profunda de como a sexualidade infantil é abordada academicamente no Brasil, fornecendo uma base sólida para futuras pesquisas e práticas pedagógicas.

O presente Guia Prático destina-se aos professores das escolas da Rede Municipal de Ensino de Miracema do Tocantins, bem como a todos os profissionais da educação, que buscam uma abordagem mais inclusiva da sexualidade infantil.

As questões levantadas em seu processo de construção representam um exercício de reflexão para nós, profissionais da educação, que defendemos uma educação pública de qualidade, comprometida com a edificação de uma sociedade justa, menos preconceituosa, onde as diversas formas de expressão e de viver sejam acolhidas e respeitadas.

Conceber e implementar ações que contribuam para a reflexão de profissionais da educação sobre um tema tão complexo não é tarefa fácil. Contudo, acreditamos que mesmo a contribuição mínima pode gerar uma diferença significativa.

Dessa forma, espera-se que este Guia, passível de adaptação a outras realidades, possa inspirar professores, pesquisadores e outras práticas interdisciplinares, tanto com estudantes da Educação Infantil quanto com alunos de outros níveis e modalidades de ensino.

Nesse sentido, almeja-se que as rodas de conversa proporcionem momentos de aprendizado enriquecedores, onde os participantes se sintam seguros para expressar suas dúvidas, anseios, medos e certezas. Para que esses diálogos ocorram efetivamente no ambiente escolar, é imperativo que os profissionais da educação possuam conhecimento e compreensão aprofundados sobre a sexualidade.

Afinal, a sexualidade abarca respeito, carinho, amor, e não se limita meramente ao sexo. Portanto, os temas para as rodas de conversa devem ser abordados de forma transparente e objetiva. As ações devem ser previamente planejadas pelo professor/mediador, garantindo que o espaço de diálogo seja fundamental para a aquisição de conhecimento e compreensão do tema.

Com este Guia Prático e a dissertação a ele vinculada, reafirmamos o compromisso de demonstrar aos professores da Rede Municipal de Ensino de Miracema do Tocantins que é plenamente viável criar espaços para um diálogo seguro e intencional sobre sexualidade em ambientes educacionais, contribuindo para uma formação integral e respeitosa de nossas crianças.

REFERÊNCIAS

AFONSO, M. L. M.; ABADE, F. **Rodas de Conversa**: Um método de pesquisa e ação. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

BANDURA, A. (1977). **Teoria da Aprendizagem Social**. Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall.

BONA JUNIOR, A. (Org.). **A sexualidade em questão**: estudos e subsídios sobre o abuso e a educação sexual de crianças e adolescentes. União da Vitória: Uniporto, 2011.

BOROTO, R. C. **A sexualidade na educação infantil**: um olhar sobre as produções acadêmicas brasileiras. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2016.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil**. Brasília: MEC, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Parâmetros nacionais de qualidade para a educação infantil**. Brasília: MEC, 2006.

CAMARGO, T. F.; RIBEIRO, S. A. **Educação sexual na escola**: um desafio para o educador. São Paulo: Cortez, 1999.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. **Formação de educadores sexuais**: adiar não é mais possível. Londrina: Eduel, 2006.

FREUD, Sigmund. **Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade**. 1905. Tradução de Paulo César de Souza. Rio de Janeiro: Imago, 2004.

KUPFER, Maria Cristina Machado. **Freud e a educação**: o mestre do impossível. 8. ed. São Paulo: Scipione, 2007.

LOURO, Guacira Lopes. **Pedagogias da Sexualidade**. O Corpo educado: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

LURIA, A. R. **Desenvolvimento da mente humana**. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1979.

MAIA, Ana Claudia Bortolozzi. **Sexualidade e Educação Sexual**. 2014. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/handle/unesp/155340>. Acesso em: 10 jul. 2022.

MELO, R. A.; POCOVI, A. M. **Educação sexual**: caminhos e desafios. São Paulo: Papirus, 2001.

NUNES, César Aparecido. **Desvendando a sexualidade**. 7. ed. Campinas: Papirus, 2005.

NUNES, C.; SILVA, E. **A educação sexual da criança**: subsídios teóricos e propostas práticas para uma abordagem da sexualidade para além da transversalidade. Campinas: Autores Associados, 2006.

SILVA, E. **Educação sexual na escola**: um guia para educadores. São Paulo: Cortez, 2001.

VYGOTSKY, Lev S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.